VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

ANO I—N.º 34—PREÇO: 1 ESCUDO
LISBOA, 8 DE JANEIRO DE 1942

O SR. MINISTRO DA JUSTIÇA pronunciando o seu notável discurso na sessão inaugural do novo ano judicial.

Na India das Singularidades

Pelo comandante PERES TRANCOSO

A casa em que eu morava em Pangim — a casa dos marinhas — nome que aí dão por costume às gentes da Armada — era uma dependência do teatro hindú. Aí se representavam por vezes as grandes e velhas epopeias hindustânicas — «natakas» — desde a heróica e fantasmagórica Ravon, até à doce e apaixonada Shakuntalá. Nas traseiras branquejava a grande mesquita dos moiros, com seu alto minarete e seu pátio florido, onde, ao centro, um tanque fresco e quieto, convidava às abluções rigorosas do rito islâmico. Na face sul, acachapava-se a moradia do meu enigmático e pálido amigo Pandú Dessay — bramane de alta casta e nas horas vagas negociante de oiros, búzios sagrados e pedras preciosas...

Ao repontar da alva, quando o céu começava a clarear, já eu ouvia, ainda deitado, a poucos passos, a toada alta e melancólica do «muezzin», que do alto da almadena ladrilhada chamava, para os quatro pontos cardeais, os fiéis do Koran à oração matinal, invocando Allah único, clemente e misericordioso:

— Bism... illah... Rhaman, erraim... il... illah...

Ao mesmo tempo, duma árvore fronteira à minha janela, despedia um «bule-bule» — a toutinegra da India — trilos e garganteios abemolados, gorgeantes, que vibravam alacres no quieto silêncio, religioso, da ante-manhã. Lufadas ténues e frescas como hálitos, bafejavam manso pelo quarto dentro, impregnadas de vida e alegria.

Às vezes, Pandú Dessay visitava-me e comigo se demorava em dois dedos de orientalíssimo cavaco. Uma manhã apareceu-me e, depois de se dobrar e levar os dedos à testa, no gracioso «salam» do Oriente, apresentou-me um côco — símbolo da felicidade — sua dádiva:

— É a primícia dêste ano, por isso lho trago, por ser de grande virtude...

Sentou-se no cadeirão de fôfo encôsto — o cadeirão das lazeiras indianas — uma perna encolhida, com o pé no rebordo do assento e contou-me que chegara de Púnah e lá soubera que o filho do radjaput do Gualor — descendente do Sol — ia receber o sagrado cordão de iniciação na casta, pois já contava oito anos e por isso em Bombaim os diamantes subiam, pois os precisos para ornamentar gargantilhas, braceletes, diademas e manilhas, tinham esgotado o Market...

Em contraposição, as pérolas desciam. Passavam de moda. Só as côr de rosa de puro e radioso «oriente», ainda se mantinham, pois serviam para os «netem» — brinco que pende da asa direita do nariz das grandes damas hindús. Os rubis de faiscar sangrento que vêm do Pegú, abaixavam também desacreditados, pois naquele ano sideral não era propiciatório o seu contacto. Comunicou-me ainda que andava em procura, para uma formosa «rani» do Mysore, de uma pura e límpida esmeralda, que fôsse pelo menos do tamanho dum ovo de pomba, e destinada ao «peshen» — anel do dedo grande do pé direito... Acrescentou que as boas esmeraldas de verde profundo e venenoso, que se apanham lá para a Cashmira, eram cada vez mais raras e valiosas como o melhor e mais puro brilhante:

— São as pedras dos destinos felizes... Por isso são disputadas — concluíu sorrindo.

— Pandú, ora diga-me cá: você que pela sua estirpe descende do cérebro de Bhramá, que pertence à casta superior da inteligência, acredita porventura nessas superstições? — preguntei de chofre.

Êle ergueu o rosto pálido e fixou-me uns momentos com o seu olhar longínquo, morno e adormentado, e depois:

— E sahib, que sabemos nós? A Sorte tem caprichos, leis, fantasias — como quizer! — que nos parecem absurdos. Ninguém sabe porque é que a vida, às vezes, lhe corre para o lado bom, e outras desliza para o lado mau... E às vezes — quási sempre! — uma vida inteira depende duma palavra, dum gesto, duma decisão. Um minuto é tudo! E quem é que nos sugere o pensamento feliz ou nos segreda a resolução maléfica? O Destino, rodeia-nos, envolve-nos, cerca-nos, invisivelmente, a tôda a hora. Quem sabe o que o abranda e atrai, e quem adivinha o que o afasta e irrita? Mas se por experiência própria compreendemos ou julgamos compreender que tal coisa ou facto lhe é agradável e propício, que ganhamos nós em desafiá-lo, nós que nada de nada podemos? Eu creio que todos os homens — todos! — temem secretamente o Destino e todos, intimamente angustiados, o interrogam e, ainda mais, que não há nenhum, mesmo inconscientemente, lhe não leve as mais frescas flores ao misterioso altar. É assim mesmo.

Terminou e ficou meditabundo, afagando voluptuosamente os pés magros e nus. De repente começou a chover, uma destas bátegas tropicais, em catadupa, curtas e violentas, que rufam como um milhar de tambores sôbre as ólas dos palmeirais em redor. Uns minutos apenas e logo uma emanação a poeira, a terra, a humus, a vida, entrou pela janela com um jacto de sol claro, escaldante, de manhã alta.

— Uma nuvem avança inesperada sôbre as nossas cabeças. Ou pode trazer em si o raio que fulmina e mata, ou a gota de água que refresca e fecunda! — comentou Pandú com certa ironia. — Que sabemos nós?

Ergueu-se para sair, molemente como se todos os poderes ocultos lhe pesassem sôbre os ombros, mas antes disse-me:

— Amanhã, sahib, é a festa da deusa Luckshimini, deusa da Formosura, do Amor e da Vida, em Sirodah. Parto para lá àmanhã de manhãzinha. É uma festa maravilhosa. Lembrei-me agora: quere vir comigo?

Soberba ideia! Graciosa e bramânica lembrança! Claro, que logo aceitei o convite e combinámos que às 6 horas eu estaria no cais da navegação fluvial.

Pandú Dessay, antes de sair, desatou uma bôlsa de anta que trazia no seio, entre o seu «tchogó», e abrindo-a mostrou-me uma colecção de pedrarias, que levava para um cliente. Um pequeno mar, tremeluzente, faulhante, das sete côres do arco-íris, espalhou-se sôbre a mesa.

Havia pedras luas pálidas e nacaradas que se apanham nos montes desolados do Belouchistan e que livram aos que as trazem junto à pele, das investidas do temido mal sagrado. Opalas lactescentes, suavemente irisadas, que tão bem se transubstanciam da alma do possuidor que empalidecem e a luminescência se lhes apaga à hora em que a morte se aproxima e o sangue arrefece... Aventurinas — poeira rígida e movente de pó de oiro — que enlaçam em gargantilhas e pulseiras, os lugares do corpo onde a vila é frágil, e que afugentam e paralizam os farrapos de consciência — larvas do mal — que desesperadamente volitam no ar, procurando encarnar-se na Sensação... Bolas de ambar, raiadas — lágrimas de Sarasvaky choradas pelo mundo — que alumiam as melancolias; jacintos violetas que preservam das pestes; águas marinhas

Uma paisagem da India, evocadora de civilizações milenárias...

esverdinhadas; olhos de gato excêntricos; sardónias zigue-zagueadas; turmalinas de azul líquido.

Quando êle acabou de explicar as virtudes secretas das gemas, mostrou-me ainda dois pequenos búzios petrificados — amonites fósseis — «salagramás» — encarnação romântica de Vishnú, que custam muito dinheiro e que todo o bom bramane tem em casa para atrair as bênçãos dos deuses. Casa onde não haja um «salagramá», é mais repelente que o vómito dos cães... — dizem os livros sagrados...

Quando êle saiu, fiquei-me a cismar quanto pode a superstição, que domina num terror sagrado êste grande e pobre povo índio, que vive emaranhado, num complicada rêde de crendices, feitiços, mistérios, preconceitos, algemando-lhe os movimentos, escravizando-lhe a vontade. Eu sei que a Superstição é uma poderosa deusa — a maior talvez! — cujo templo é o largo mundo todo, porque sendo irmã da Esperança, se aninha e oculta subrepticiamente no coração dos homens, mas em terra alguma ela repreza e estrangula o cérebro, como nesta Índia, que foi outrora mãe do Pensamento puro e do Saber inigualável...

Povo da Índia sensual e místico, metafísico e materialão, perdendo-se nas concepções prodigiosamente abstractas dos Vedas e do Bhagvad-Ghitá, domador do espírito, inventor do Nirvana, e ao mesmo tempo fanático pela Natureza, adorando nos lares, nos templos, nas ruas, a imagem exacta e geométrica da virilidade criadora — o Deus «lingham» — que nas horas de reza as mulheres abraçam e enfeitam com flores votivas, implorando-o, sacudidas de soluços... Muitas vezes o observei, e então compreendi, a fôrça indomável e poderosa da matéria em vibração, a ância indominável da Carne que quere perpetuar-se através da luz, aguilhetando a alma que quere escapar-se-lhe para lá, para o Desconhecido, apalpando o vácuo, sem saber bem para onde...

Índia, pátria da luz, que cai a jorros do céu, a granel, embebedando os olhos, espicaçando o sangue, retezando os sentidos, ampliando e hipertrofiando a Fantasia. Dir-se-ia que neste país o único e verdadeiro senhor e rajah é o Sol, resplandecente de magnificências, arremessando, delapidando, às mãos cheias, em dilúvios de oiro, a sua luz cegante e criadora, fazendo estremecer de íntima volúpia, os seres e as coisas sob o seu hálito quente de fauno eterno. É talvez por isso que êste povo é profundamente panteísta, pois crê que a luz — reflexo da radiação divina — atravessa, penetra, vive e vibra em tôdas as coisas que se atraem entre si irresistivelmente. Efectivamente, aqui, parece, às vezes, que um poderoso e obscuro magnetismo irradia de tôdas as coisas em roda e sente-se, adivinha-se, que elas — as coisas da Vida — se procuram, se tocam, se abraçam, e talvez beijem invisìvelmente...

O Sol é, nesta terra indiana, o grande mago, o supremo déspota, que tirânicamente, implacàvelmente domina as palpitações vivas das nossas veias e o ritmo mais íntimo dos nossos pensamentos. Quando a manhã alevanta no adyto dos templos, o «purohita» — sacerdote máximo — murmura baixo o «mantram», a oração secreta a Savitrú — o Sol:

— Tat, Savitrú, vereniant, bargo devanya...

Adoremos Savitrú, a luz santa do Sol — que é o calor nas nossas veias, a claridade feliz dos nossos corações...

* * *

Às 6 horas, largamos Mandovy acima na frescura tónica da manhã embalsamada. O rio era até além, em frente, a Betim, um espelho plácido, emoldurado por tufos e leques de palmeiras, que se reflectiam nas margens, até ao fundo, em tremelinas de sombra. Um véu ténue de névoa, um gaze impalpável, diáfano, flutuava aqui e acolá, em farrapos que se desvaneciam lentamente — restos da cacimbada da madrugada. A lancha ia quási cheia. Moiros escuros e barbudos, de carapucinho doirado e brincos nas orelhas, que negoceiam em «batte», o arroz indígena, a camisa desfraldada, caída até aos joelhos; hindús magros de pele tostada, grande turbante enrolado em muitas voltas à roda da cabeça, mascando betel, e cuspindo constantemente salivas vermelhas; cristãos salcetanos, chapelinho de palha e bengalinha delgada, ar humilde e desdenhoso, com suas mulheres de bioco branco — pano bajú — e chinelinhas lantejouladas... Barbeiros sudras, sórdidos e sujos, a caixa das ferramentas a tiracolo, farejando as pilosidades do próximo; «roitos», cultivadores miseráveis e semi-nus, um trapo — o «langoti» — a sanefar-lhes o baixo ventre e sombras de fomes, escaveirando-lhes as faces chupadas. Bufarinheiros oferecendo «bibós», castanhas de cajú, fiadas vermelhas de flores de «abulim», para os penteados das mulheres indianas e fôlhas enroladas de betel, com seu pingo de cal e raspa de areca aromática e adstringente. Mulheres farraponas ofereciam em taboleiros «paparis», espécie de coscorões de farinha e pimenta que servem de tocabôca para o caril e «apas» recheadas e picantes — folhados de camarão e farinha de «nachinim» que confortam e estimulam as decadências senis... Logo tôda esta gente variegada se amesendou, acomodando-se, acocorada, às amuradas do barco, mascando e cuspindo, tagarelando e esfumaçando dos «canudos» de fôlha de bananeira, nuvens de tabaco negro e áspero de Belgat.

Logo as primeiras casas do burgo de Ribandar — primeiro apeadeiro antes de Goa-a-Velha — apareceram pela proa, entre coqueiros, cerradas e adormecidas ainda àquela hora matinal. Pandú Dessay e eu fôramos para o pequeno tombadilho da lancha e daí gozávamos o panorama das margens viçosas do Mandovy. Êle já trazia, na testa, pintados, os três traços horizontais feitos a pó de sândalo, bosta sêca e urina de vaca, demonstrando assim já haver cumprido as rituais abluções da manhã e entre as sobrancelhas, ao centro da testa, verticalmente, um traço vermelho — símbolo da vida procriadora. Isto porque Pandú sendo, como era, de alta estirpe bramane, pertencia também à seita de Shivá — o deus que mata e renova — o que se conhecia também pelo fio de oiro que luzia no seu «muntassó» — o turbante — e pela sua «cabaya», que era côr de açafrão — peculiar à seita shivaista.

Íamos atracar, à ponte, quando Pandú me chamou a atenção para um pequeno grupo que aguardava a lancha:

— Sahib, «calovout»!

E era efectivamente uma bailadeira, com seu «saddy» de seda vermelha cingido ao corpo e barra dourada caída para as costas. Acompanhava-a o seu «murdangueiro», que trazia a tiracolo a «murdanga», «tantan», de compasso. Logo que largámos, Pandú chamou o companheiro da bailadeira para que viesse até nós:

— «Á ré, ingá»!

O rapazote subiu a escada, e juntando respeitosamente as mãos ao meio da testa, murmurou a saüdação:

— Surany, ay-iá! — a que o meu companheiro da sua grandeza castiça, respondeu sobranceiro, na benção da lei:

— Arivatam!

O murdangueiro acocorou-se diante de nós, e contou que a rapariga era sua irmã, se chamava Só-Kem, pertencia ao pagode de Cacorá, dedicado a Mahés — o Sol de Vishnú — e que para aí iam. Tinham ido cantar e bailar ao casamento da filha de um ricaço indú, em Santa-Cruz, tinham perdido parte da noite, e agora recolhiam. Como Pandú lhe dissesse que eu — o «packló» — o branco — gostaria de ver as danças sagradas e ouvir os «decknins» — hinos rituais aos deuses — o rapaz observou-me sob o turbante sujo, demoradamente, com os seus olhos lânguidos e profundos de indiano e logo bruscamente:

— «Panch rupies» — e mostrava a palma da mão, voltada para mim, os dedos bem abertos, para não haver enganos.

— Cinco rupias?! — nem pensar nisso!

Ao meu sinal negativo, êle calou-se, meditou, reflectiu, a cabeça turbanada entre os joelhos e, por fim, num arranque, sorridente:

— «Chauriá, sahib, chauriá»! — e mostrava-me novamente a palma da mão de dedos abertos, mas desta vez com o polegar dobrado, encolhido para a palma...

Aquele humilde velhaco, que não levara a sua àvante, ainda assim me roubava — eu sabia-o — mas, que diabo! — quatro rupias por um hino garganteado ao Sol, e ritmado pelo corpo de uma sacerdotisa, não era de regatear, àquela hora, em que eu ia de longada, assistir à festa da deusa Aphrodite da Índia... Depois, êstes deuses industânicos de cabeça de elefante, caras terríficas e variados braços e cabeças, não eram de boa sombra e não seria prudente irritá-los...

Já passávamos rente a Velha Goa e das suas pedras de glória, restos dos arsenais formilhantes, dos estaleiros barulhentos, onde se construiram algumas das naus das conquistas, dos seus templos, dos seus conventos, das suas riquezas. Pedras ainda embebidas do generoso sangue português, já ressequido pelos séculos.

Dir-se-ia que sôbre essas ruínas enegrecidas, paira, flutua ainda vagamente a velha alma audaciosa e rude do Portugal do século XVI e evoca-se ali sôbre as paredes derruídas do palácio dos vice-reis, sob o esvoaçar dum guião branco das quinas, a figura formidável de Albuquerque, as longas barbas brancas espalhadas sôbre o peito, o gorro emplumado, o gibão de veludo golpeado nas mangas, passeando pesada e vagarosamente no varandim ribeirinho, por sôbre os armazens da pimenta e do cravo, a granel...

Guinamos a estibordo e entramos no estreito canal de Combarjua, que vai desaguar no Zuari, quando So-Kém apareceu, subindo ao tombadilho. Era alta, delgada, branca, dum branco baço e azeitonado, peculiar às gentes do Oriente, especialmente às «half east». Tinha o cabelo liso, negro, aberto em dois bandós, luzidios de óleo de côco, e enastrada da nuca aos temporais, uma grinalda de flores rituais de «moghrim». Um rubi reluzia no «neten», brinco cravado na asa do nariz, e as suas inúmeras manilhas, pulseiras, braceletes, de metal, tilintavam ao menor movimento que ela fazia, assim com as «peshmés» — argolas de guisos que enlaçam os artelhos e marcam os ritmos bárbaros da dança... Sôbre o peito do pé, descansavam, pesadamente, os grossos argolões de prata sacerdotais — «Vallei» — que indicam, conforme a espessura e forma, se a posuidora foi ou não já iniciada nos mistérios do sexo. Saüdou-nos com um bom e moço sorriso de grandes olhos macios e negros, acarvoados, entenebrecidos, de «surmah», e uma fiada de dentes brancos, de saúde, onde havia vermelhidões recentes de masticatórios de betel.

O murdangueiro acocorou-se, o «tantan» entre os joelhos, e ela apertou, cingiu bem ao corpo, em linhas exactas de ânfora, mas deixando nua uma nesga do ventre, e o jôgo muscular, sugestivo e gracioso dos rins, o seu «saddy» de seda vermelha, com a barra de oiro vivo, para as costas a adejar...

Rufaram os dedos sôbre a «murdanga» e os braços da sacerdotisa do Sol flexuaram serpentinos, lentos, as palmas das mãos abertas para o céu... O corpo enristou-se, as pernas curvaram-se, os guisos dos artelhos tilintaram nervosamente, marcando o ritmo estranho e inédito. O corpo ondulou, esbelto, elástico, coleante, em roscas torcidas de cobra, os olhos pestanudos, semi-cerrados, hipnotizantes, a boca vermelha, ansiosa, entre-aberta, enquanto o canto agudo, em longos garganteios, subia para o céu alto dos deuses e dos mistérios...

Já o sol estalara sôbre a paisagem como um largo grito de oiro e os leques e cocurutos dos palmeirais de areca e côco em volta, chispavam faúlhas. Tudo em roda era um triunfo de luz claríssima e dir-se-ia que as coisas que nos ouviam em tôrno cantavam também, acompanhando em côro

As toutinegras da Índia voando em volta da tôrre dum templo

(Continua na pág. 14)

panorama internacional

HORAS DE DECISÃO

por Francisco Velloso

NAQUELAS mesmas encruzilhadas onde os chefes dos dois blocos em luta se reúnem, o ano que começa, traça duas interrogações. Em Berlim e em Washington, as declarações de Churchill a 26 e de Ribbentrop a 27 de Dezembro afirmam duas resoluções quási equivalentes: — o comando único sôbre um plano único; a vontade de forçar, sem quaisquer hipóteses de paz por compromisso, a guerra até à vitória.

Os acontecimentos, ao findar de 1941, seguem nestes dois sulcos, levando em cada um, o segrêdo daquelas interrogações, tão inquietante como o *anankê* da fatalidade que ensombrou o Mundo antigo.

UM AVISO E DUAS REALIDADES

CHURCHILL

Sôbre as duas preguntas que o leitor ainda pôde ler no final publicado da última crónica. — E a Rússia? E a China — caíram as palavras do discurso de Churchil no dia 26 sob a cúpula do Capitólio de Washington. Além da fama que nimba o nome do Primeiro Ministro inglês, como orador, concorreram a dar relêvo ao acontecimento não só êle ocorrer a quando das conferências que se realizaram por essa altura na capital norte-americana, mas o facto, realmente impressionante, de Churchill, ali, como dias depois em Otava, aparecer, à entrada da grande fase da guerra, como o animador de energias e o proclamador de objectivos.

Êsse discurso parlamentar foi, acima de tudo, o balança da situação. Daqui a sua categoria de acontecimento central, e o dever de ser primacialmente destacado.

Churchill começou por colocar o Congresso diante de três realidades fundamentais: — os Estados-Unidos atacados pelos «três Estados ditatoriais mais poderosamente armados», pelo maior poder militar da Europa e pelo maior poder militar da Ásia; êstes poderes dispõem de fôrças enormes de tôda a espécie; embora os Aliados hajam muito maiores recursos em homens e materiais, só uma sua parte ainda foi mobilizada; pelo que têm na sua frente «um longo período de tribulação», perdas de terreno cuja reconquista será custosa, desapontamentos e surprêsas desagradáveis.

E depois de tão cruamente assim falar, Churchill iniciou a descrição do *deve* e *haver*. Opera contra os Aliados a desvantagem do atraso, da preparação. Esta referência agora visa, porém, os Estados Unidos. A Inglaterra já passou por transes semelhantes. Se em Junho do ano passado a Alemanha e o Japão simultâneamente se houvessem lançado ao assalto, os desastres e as agonias teriam sido incomensuráveis.

Isto equivale a dizer que foi a Inglaterra (no último semestre de 1941 com o apoio providencial da interferência russa) quem agüentou a causa dos Aliados, e que, tal como ela, os Estados Unidos têm, nos próximos 18 meses, isto é, até Fevereiro de 1943, de seguir-lhe o exemplo, com um esfôrço de guerra total, «saindo da paz bonacheirona», para que seja possível aos Aliados «tomarem a iniciativa em larga escala» naquela entrada do próximo ano.

O problema aparece assim posto com rude verdade que os sucessos ilustram. Pelo que respeitar pode às considerações que temos feito sôbre a evolução da guerra no seu plano político, encontramos nas declarações do Primeiro Ministro a sua confirmação, o que nos deixa naturalmente tranqüilos.

O QUE FOI FEITO

Eis a segunda e derradeira parte do discurso de Churchill, e através dela, vamos inquirir, de resenha, na subseqüência actual dos acontecimentos.

O vélho Winston não mentiu quando — para provar aos americanos que com armas adequadas e conveniente organização podem os Aliados obter grandes êxitos — asseverou que os exércitos britânicos dominam desde Teherão a Bengasi e desde Alepo e Chipre até ao Nilo. Resumia dêste modo as últimas notícias que vinham da África do Norte. Também não falseou a verdade quando estabeleceu a vitoriosa resistência dos russos por haverem impedido que o seu poderoso inimigo lograsse o objectivo da rotura estratégica da frente oriental, e os êxitos da sua reacção ulterior na dupla libertação de Leninegrado, de Moscovo e na Crimeia, que agora se reafirmaram quanto à primeira no rebaixamento operado pelo sul sôbre a linha da costa, direito aos Estados Bálticos, o qual desafoga as comunicações entre as duas capitais, quando à segunda na batalha que já para oeste de Kalinine e de Tula-Orel se incendeia, e quanto à terceira na reconquista de Kertch e Teodósia, equivalentes ao afastamento dos perigos sôbre o Cáucaso, e na defesa de Sebastopol, factos êstes que devem ser atentamente relacionados à evolução das operações de Timochenco por todo o curso do Donetz. Tudo isto está certo e exacto.

MUSELIER

Mas vejamos as coisas mais ao perto.

A questão da África do Norte recrudesceu e repercutiu-se por duas formas. No dia 15 o *Daily Mail* informava, reportando-se a meios autorizados londrinos, que o marechal Pétain, «após longo período de hesitações decidiu não entregar Tunis aos italianos» e *não avançar ao encontro dos alemães para além da linha das condições do Armistício*. Não pode ainda saber-se até que ponto para tanto influíram nisto os informes de Marrocos e o estado sobreexcitado da opinião francesa, à qual Churchill fêz significativos apêlos em Otava, ao atacar violentamente o govêrno de Vichy por motivos que, já depois daquela data de 15 de Dezembro, indubitàvelmente se teriam verificado, e que talvez determinassem as versões correntes duma nova ameaça alemã de ocupação de todo o território até agora não ocupado. Mas o que se passou nas ilhas coloniais francesas de S. Pedro e Miquelon ao largo da Terra Nova, isto é nos flancos da rota dos combóios navais norte-americanos para a Inglaterra, pode com efeito trazer a êste debate um elemento esclarecedor.

O almirante Muselier apareceu diante das ilhas com três navios de guerra, desembarcou, fêz um plebiscito que foi favorável a De Gaulle e tomou conta das ilhas. Corriam as conferências em Washington e o caso causou inquietude. Londres e a Casa Branca apressaram-se a afirmar-se surpreendidos e alheios ao gesto gaulista. As primeiras atitudes eram-lhe opostas, o que espantou tôda a gente. Vichy acudiu a declarar que queria o restabelecimento dos seus poderes nas ilhas, *ao abrigo dos Compromissos do Armistício*, e que isso dependia finalmente das *potências anglo-saxónicas*. Ora, se Pétain alegara ésses compromissos para recusar Tunis aos italianos, o caso ilumina-se. O gesto de Muselier seria de conta de De Gaulle. Mas o alemão pode tomá-lo como de conivência com Londres, e reforçar as pressões em Vichy onde os Aliados têm a ligação norte-americana do almirante Leahy. E se Ritchie consegue repelir Rommel, a quem Hitler envia reforços pelo ar, para a fronteira da Tunísia, essas pressões aumentarão mais terminantes.

Fica a pregunta: — haverá também um compromisso dos Aliados em Vichy provocando aquela atitude do marechal? O que veio dizer a Vichy o general Nogués, residente geral em Marrocos? Quando no dia 2 de Dezembro o almirante Platon visitou o sultão Cide Mohâmede (vidé o Boletim oficial da Residência de 15 dêsse mês), o soberano respondeu-lhe: — «Diz ao marechal que, enquanto o general Nogués estiver à frente dêste país, a França pode contar com o apoio do povo marroquino». Outro facto muito importante para a solução dêste pleito, que Churchill anunciou em Otava na sua segunda viagem política efectuada na América. Muselier é que já declarou só saír das ilhas pela fôrça. Das ilhas, *onde a soberania francesa permanece porque o almirante é francês*, não estando pois em causa qualquer aspecto de neutralidade do território insular no conflito com a Alemanha... E adiante porque os sucessos falarão por si.

O MAIOR PROBLEMA

NOGUÉS

Passou Churchill a encarar a batalha do Pacífico. E a êste respeito fêz uma revelação maior. «O ataque japonês apanhou-nos sem preparação». Em Inglaterra — disse — preguntar-lhe-ão porque «não forneceu material moderno em grande quantidade, em aviões e armas de tôdas as espécies a Malaca e às Índias Orientais»? E eis a resposta que dispensa sublinhado: «Apenas posso apontar para as vitórias alcançadas na campanha da Líbia pelo general Auchinleck. Se nós tivéssemos dispersado os nossos recursos, gradualmente crescentes, entre a Líbia e a Malaca, teríamos sido encontrados em deficiência em ambos os teatros de guerra. Se os Estados Unidos se acharam em situação desfavorável no Oceano Pacífico, sabemos que isso é devido, em pequena escala, ao auxílio que nos deram em material de guerra para a defesa das ilhas britânicas e para a campanha da Líbia, e acima de tudo devido à vossa ajuda na batalha do Atlântico, da qual tudo depende e que, por conseqüência, foi mantida com bom êxito. Evidentemente que teria sido muito melhor, admito-o francamente, que estivéssemos em plena fôrça em todos os pontos.»

Estas palavras que a História já guardou na mesma prateleira em que ficou o famoso *Enganámo-nos* de Hitler quanto às surpresas da frente oriental, marcam o *tonus* da situação dos Aliados. Churchill até acrescentou:

«Considerando, porém, *com que lentidão e relutância chegámos aos preparativos em larga escala*, e o tempo que levam êsses preparativos não tínhamos o direito de esperar que nos encontrássemos em posição tão feliz. A escolha da maneira de dispor dos nossos até agora limitados recursos *foi feita pela Inglaterra em tempo de guerra e pelos Estados Unidos em tempo de paz*.»

Êste quadro, que deixa mais uma vez a descoberto a responsabilidade norte-americana, teve já uma outra demonstração. O ministro australiano Curtin escrevia no dia 27 no *Melbourne Herald*, um artigo em que mostrando como os avanços nipónicos punham em perigo a Austrália, não hesitou em reclamar nos seguintes termos:

«O govêrno pensa que a guerra do Pacífico é uma luta àparte, na qual os Estados Unidos e a Austrália devem ter a direcção do plano de operações. Nós conhecemos os problemas que afectam a Grã-Bretanha; conhecemos a constante ameaça que pesa sôbre ela; e conhecemos os perigos que representaria a dispersão de fôrças. *Mas conhecemos também que a Austrália pode perder-se e a Grã-Bretanha manter-se ainda. Estamos determinados a que a Austrália se não perca*.»

(Continua na pág. 12)

A VOZ DUM EUROPEU

A crise do Oriente e a evolução da guerra

Uma entrevista com o general Norton de Matos

Os actuais acontecimentos internacionais encontram ainda vivos em Portugal alguns homens que, pelo seu passado cheio de serviços ao país, pelo seu conhecimento e trato de alguns dos mais importantes meios sociais e políticos em que êsses acontecimentos decorrem, e tanto pelo seu espírito esclarecido e culto como por indesmentível patriotismo, podem trazer com autoridade o seu depoïmento ante a opinião pública, dentro das condições que limitam imperativamente o interêsse nacional.

Esta feliz verificação, que se vinha tornando em nós plano de momentosa reportagem, trouxe-nos, ao retroar a guerra do Pacífico, a lembrança do nome de um homem cuja brilhante carreira passou, por anos e anos, no Oriente, e cuja inteligência e aprumo dariam valor singular ao seu testemunho: — o general Norton de Matos.

É esta, talvez, uma face da sua vida de que pouca gente se recorda e que para muitos é ignorada.

Norton de Matos, quando o procurámos no seu gabiente de trabalho, reapareceu-nos com aquela mesma lucidez de visão e a mesma coragem de carácter que, através de uma lhaneza recta em que respira inalterável a sua reconhecida origem minhota, português de boa lei, marcou, em horas assás melindrosas, diante de quantos, das mais diversas opiniões e crenças, no Ultramar ao serviço da Pátria o acompanharam — a sua energia e a sua fé inquebrantável e animosa nos mais altos destinos e vocações da Nação.

Ao escutá-lo, na viva mocidade do seu espírito, rememorámos um outro homem ilustre da mesma idade, que tão notàvelmente presidiu à administração ultramarina, Júlio de Vilhena.

O general Norton de Matos talvez se surpreendese quando lhe pedimos a sua impressão sôbre o conflito do Extremo Oriente. Mas, se a nossa pregunta o espantou, ela não o colheu desprevenido na sua excelente formação intelectual e na lição da sua larga experiência.

Norton de Matos sorriu e quis começar por uma premunição:

— Devo avisá-lo de que as minhas longas permanências no Oriente e na África fizeram de mim um europeu inabalável...

Esta reacção do prestigioso colonial colocava exactamente diante nós o homem e o português que buscáramos, e animou-nos a dizer-lhe que era precisamente a opinião do «europeu» que buscávamos.

E logo responde-nos:

— A expansão da civilização europeia fêz-se, no Extremo Oriente, por intermédio da Rússia e do Continente Americano. Por êstes dois caminhos a civilização europeia está a pôr-se em contacto há muitos séculos com as civilizações orientais, sem nunca até hoje conseguir unificá-las, seja no que fôr. Quási nos descobrimos a pensar que há no mundo duas humanidades — a branca e a de côr... Mas nestas paragens em pleno e constante turbilhão, há outras verdades mais fortes que trazem uma grande claridade ao nosso espírito, perante esta guerra que se anunciava há tanto tempo — lembra-se, por exemplo, das profecias de Guilherme II sôbre o «perigo amarelo» — e que, no entanto, parece haver surpreendido tôda a gente.

— Há causas mais profundas e mais remotas dos acontecimentos de hoje.

— Exactamente.

E o general Norton de Matos parece reajustar-se, no mapa das páginas da sua vida, aos sulcos das suas impressões.

— O conflito dos Estados Unidos e do Japão antevia-se no Oriente há muito. No entanto, julgo que êle excede os limites de um choque de ambições. São duas nações novas (a grande transformação e os grandes progressos do Japão têm menos de cem anos) em contacto, sôbre os mistérios de um mundo milenário que acorda, de cada vez mais, para as grandes aspirações da civilização e da felicidade humana. Onde uns só vêem a sêde de suas hegemonias em choque, eu vejo a crise fatal, intimativa duma revolução social. Durante anos e anos no Oriente, eu notava-o em mil incidentes, em mil factos freqüentes. Compreender bem essa revolução, é condição de se poder viver na extrema Ásia, e de lá ainda se poder ficar... Lembre-se daquele título de um livro célebre: — «Uma luz sobe no Oriente».

— Mas é por ventura, nesta guerra imensa, intercontinental, um caso restricto, êsse do Oriente?

— Não. Eu não penso assim, não o vejo assim — diz-nos Norton de Matos. Para mim, esta guerra é a última fase da grande revolução social, vulcão em formação há um século, e cuja primeira erupção se deu, há 24 anos, com o bolchevismo russo. E, como sempre o excesso de injustiça, a acumulação de injustiças, é o factor dominante e único dêsse movimento em que todos nós somos revolucionários — quási sem o sabermos, ou sem o sabermos ser. Transformou-se êsse movimento em guerra em conseqüência da oposição, da reacção que encontrou por parte dos «interêsses estabelecidos» dos fautores da injustiça social, — guerras civis, guerra internacional. Essa reacção tudo alterou, pois que sem mentira e confusão não poderia conseguir os seus fins. Surgiram os imperialismos, os propósitos de conquista, as recordações históricas de dominações mundiais. Mas as guerras seriam impossíveis se nas massas nacionais que as fazem, não houvesse a ânsia e a esperança de uma grande felicidade futura. Esta ânsia e esta esperança são únicas fôrças capazes de levar os homens a combater e a morrer. Por esta razão, a breve trecho, após o começo da luta, já dificilmente podemos distinguir quais foram os agressores e os agredidos: — no fundo todos «queriam» a guerra, doutro modo ela não seria possível...

— E no Extremo Oriente...

— No Extremo Oriente, nas margens dêsse oceano incomensurável, o drama é igual. Vejam-se os sofrimentos que a transformação social causa nos Estados Unidos, nos povos fortes e novos das Américas, e no Japão. Essa revolução incessante, essas gestações dolorosas, não se vêem evidentemente nos filmes das praias havaianas, ou nos guias turísticos dos panoramas japoneses. Mas ela existe, lá como na Europa. É a característica e o expoente da época que vimos atravessando.

GENERAL NORTON DE MATOS

E o general Norton de Matos concretiza em seguida uma demonstração:

— Os Estados Unidos viram os seus ideais de felicidade humana, as suas possibilidades de vida plena estendida a todos os seus habitantes, frustrados pela organização de bandos detentores da riqueza, exploradores da quási totalidade do trabalho humano. São as grandes «frustrações», de que fala Wells...

As Repúblicas Sul-Americanas não conseguiram livrar-se ainda dos males sociais tremendos que a sua formação colonial provocou e enraizou. O Japão, dadas as qualidades espirituais incontestàvelmente superiores dos seus habitantes, tomou naturalmente o lugar de «redresseur» das injustiças sem nome, das humilhações constantes, que os europeus fizeram sofrer aos amarelos. Procurou dividir a China numa série de Estados que, confederados sob a sua hegemonia, constituissem o poder formidável capaz de evitar mais injustiças e mais humilhações. Foi apanhado no meio da obra. Se esta organização política de uma grande raça se tivesse conseguido nesta altura, ou se não se tivesse iniciado há cinco anos, a América e a Europa teriam hoje contra ela todos os amarelos, e também todos os asiáticos.

E acentua:

— Creio porém, e os últimos acontecimentos estão a dizer-nos que assim será, que se os europeus tiverem e mantiverem a elementar compreensão de que carecem absolutamente de proceder lealmente com a China, e se os aliados passarem, vencendo seculares preconceitos, desistindo de lucros e vantagens, a considerá-la, nacionalmente e socialmente, como se fôsse uma nação europeia, pode a China vir a ser o único meio de ligar as duas grandes civilizações — a europeia e a amarela. Restarão as outras duas — a indiana e a africana — que aquelas duas grandes e principais civilizações trarão fàcilmente ao seu convívio. Sem a China inteiramente a seu lado, em conseqüência de um procedimento absolutamente leal da parte dos europeus da Europa e da América, penso que a raça europeia dificilmente conseguirá os fins almejados de vida feliz, justa e segura...

— Mas será possível a harmonia na Ásia?

— Julgo que sim, ao termo desta crise, e desde que os europeus, com o seu grande desenvolvimento intelectual, auxiliados pela ciência admirável que ao seu espírito se deve, amparados pela moral cristã, que é a principal fôrça e característica da sua civilização, saibam vencer, de vez e para sempre, os «clans» de interêsses inconfessáveis, exploradores e causadores de guerras, e, acima de tudo, os seus preconceitos injustificados de raça superior às outras.

Havia nas palavras de Norton de Matos um generoso pensamento de humanidade que assim o levava, superior às contingências da política das chancelarias, a ver as coisas e os homens de mais alto, de muito mais alto do que as paixões consentem vê-los ao comum da gente. E a guerra arrastava a seqüência das impressões que íamos trocando, cortadas, por vezes, de alusões a quadros e cenas de tempos vividos no Ultramar, ao serviço

(Continua na pág. 8)

A 8 quilómetros ao norte de Esporende, fica Belinho, e um pouco afastada da estrada, e à sua esquerda, na vertente dum pequeno monte, a linda casa do Poeta.

O Senhor poeta

Impressões duma visita á casa de Antonio Correia de Oliveira em Belinho

por Graciette Branco

A tarde caía cinzenta e húmida, numa neblina salgada que vinha do mar, alongando-se, diluindo-se para além das serranias, peneirada nas ramadas dos pinheiros e crescendo até à montanha bravia, pedregosa e escura, cheia de arbustos cheirosos...

O automóvel rolava tranqüilo e os meus olhos procuravam na sinalização da estrada a palavra «Belinho».

Belinho!... O canto da terra, silencioso e calmo, onde o espírito de António Correia de Oliveira, à imagem das flores silvestres, floresce e perfuma o ar, embalsamando tudo no encanto estranho e profundo da sua misteriosa beleza...

E, súbito, à direita, numa placa branca de cantaria, a palavra mágica surgiu: — «Belinho».

Debruçada na janela do automóvel, com os olhos húmidos no antegôzo da visão ideal, indaguei a uma mulherzinha que passava na estrada:

— «Sabe dizer-me onde fica a casa do Senhor António Correia de Oliveira, que é Poeta?»

Esta designação de «Poeta» dera-a eu sem convicção de elucidar a mulher mas levada, apenas, por um certo orgulho justificado e nobre.

Porém o meu espanto cresceu, quando a mulherzinha, humilde e quási andrajosa, calejados os pés pela calçada da dura Vida e gastos os olhos pelas lágrimas intermináveis do Mundo, me respondeu, parando, tranqüilamente, e alongando o braço para fora do chaile: — «A casa do Senhor Poeta fica além, naquele alto. Ali, mais adiante, já começa o muro.»

O automóvel seguiu a direcção indicada, quando, passados breves minutos, um bando de garotos surgiu, preguntando, à porfia:

— «Os senhores vão para casa do Senhor Poeta? A casa do Senhor Poeta é ali, um nadinha mais adiante.»

E a imagem do «Senhor Poeta», ainda ausente, dir-se-ia pairar por sôbre a paisagem, num vôo planado e imenso, abraçando o monte, a planície; a colina e até a nesga do mar que se agitava ao longe...

Nos cheiros saborosos das flores bravias; no cantarolar dos regatos; nas mil pequeninas vozes dos ralos, das rãs, dos grilos, dos zumbidos dos insectos; na sombra grandiosa da montanha, daquela montanha enorme, escarpada e negra, ameaçadora como uma grande tragédia petrificada; nos campos intermináveis onde os altos trigos se curvam, beijados pela aragem; nos gestos silenciosos das árvores; na mudez trágica das pedras, em tudo, tudo, se sentia palpitar a presença próxima do «Senhor Poeta».

O carro foi contornando o muro, e súbito, numa clareira de belíssimas árvores e de plantas, a casa do Poeta surgiu, encantador abrigo, refúgio consolador, duma grande beleza, com as suas portas envidraçadas logo à beirinha do parque, abertas de par em par, conduzindo, imediatamente, aos confortáveis salões da rara elegância e bom gôsto, num gesto hospitaleiro que convida a entrar. Nem escadarias monumentais que assustam e esfriam o entusiasmo; nem a barreira rígida dum mordomo a anunciar quem chega; nem um portão de ferro, nem gradeamen-

O Poeta, na montanha, contempla o atapetado da verdura dos campos de Belinho. Em baixo: Uma curiosa colecção de objectos arqueológicos, restos dúma civilização passada, que António Correia de Oliveira reüniu, após laboriosas pesquisas nos montes, nas quais foi auxiliado por sua espôsa.

FOTOS DE A. SILVA

Depois do almôço, vai de romagem à sua capelinha, escondida entre seculares sobreiros. Ajoelha... e faz as suas orações. No jardim, distribue o alimento às aves, que êle muito estima.

tos: nada!

Apenas umas singelas portas de vidro, de onde logo à entrada avistei a figura esguia e a linda cabeleira branca!

Umas mãos afectuosas e nobres que apertam as minhas e logo ao lado, o sorriso dulcíssimo da Espôsa, que uma recente operação cirúrgica impedia de saír.

Tudo foi belo e tocante e inesquecível naquelas curtas horas de visita ao Poeta! De todo o ambiente recolhi uma essência que me perfuma entranhadamente o espírito e que perdurará até ao fim da longa caminhada...

Apontando-me, duma das janelas da casa, a nesga do mar, muito ao longe, falou-me o Poeta da sua indiferença pelo mar, do pouco que ao seu espírito fala a voz do Oceano, ora zangada, ora monótona... Em contraposição e vindo ao encontro da minha emotividade, exaltou a beleza do campo, num elogio espontâneo e iluminado à terra que tudo nos dá e que nada nos tira.

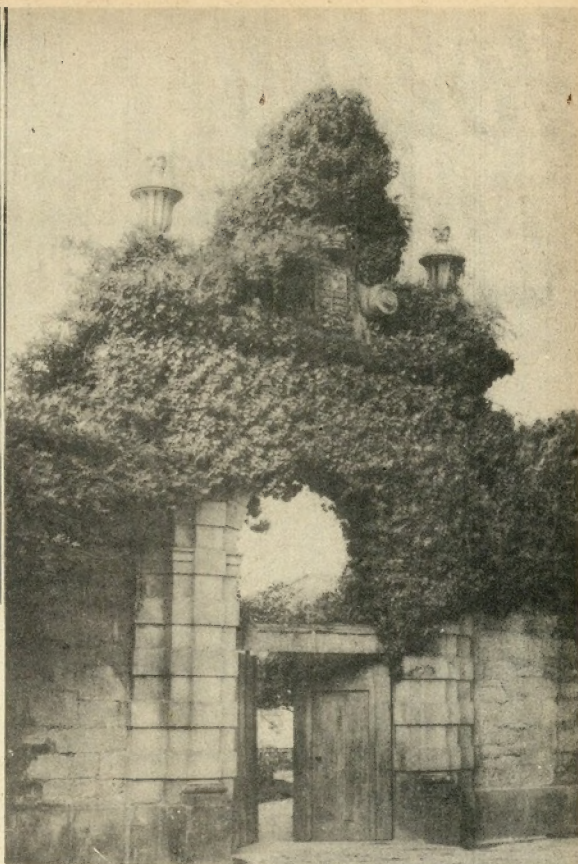
Com sentido desalento também o Poeta me falou da malfadada sorte da Poesia, nestas terras de Portugal...

E tão acertadamente discorreu, que eu terminei dizendo: — «Fazer versos, para quê? Não há quem leia versos! O tempo mal chega para a vida a que chamam «dinâmica» e que mais não é do que a ausência total de sensibilidades e de cérebros.»

A tarde caía mais vagarosa, agora. Dir-se-ia que as horas, numa cumplicidade com os meus desejos, atrasavam a sua carreira vertiginosa, quási parando, de quando em quando, e dizendo baixinho ao ouvido do Tempo: — «Façamos-lhe a vontade! Não vamos tão depressa agora...»

Numa comovida ternura subi à capelinha da Casa, duma singela beleza, onde deixei algumas orações, que lá ficaram a florir como rosas de Fé...

E na hora da partida, com o automóvel a afastar-se lentamente, saüdosamente, foi ficando para trás — com um longo adeus das suas mãos esguias — a figura inesquecível e estranha, duma beleza rara e duma espiritualidade impressionante do «Senhor Poeta».

EM CIMA, à direita: Um portal sempre aberto e lá dentro também dois corações sempre abertos aos visitantes: Correia de Oliveira e D. Maria Adelaide.

Nas horas de estudo, o Poeta prefere uma pequena mesa que êle venera como preciosa recordação de António Cândido. Nas horas de meditação, fica-se, como o vemos nesta foto, sentado no portal da sua capelinha.

O SENHOR POETA (Conclusão)

No seu passeio pela quinta, de regresso a casa, o intelectual confraterniza com os humildes trabalhadores e acaricia os animais. É assim um dia igual a muitos de António Correia de Oliveira.

A VOZ DUM EUROPEU

(Continuação da quinta página)

do Império. Depois as interrogações do àmanhã voltavam a prender-nos às inquietações febris da hora que passa.

E ouvíamo-lo dizer:

— O Mundo, através desta crise revolucionária, procura justiça social, procura equilíbrio. Esta crise de revolução derrubará tanto os regimes totalitários integrais, como os feudalismos económicos, como o regime bolchevista. A proletarização das classes que dantes se chamaram médias, é o cancro social do mundo. Temos de regressar a um equlíbrio baseado no direito, na liberdade e no respeito da pessoa humana, às iniciativas individuais fecundas, ao justo prémio dos valores e do trabalho. Não me surpreendi que na moção final da última conferência internacional há pouco realizada na América do Norte, se concluisse que a paz não será feita por diplomatas, mas por homens de trabalho.

E o nosso entrevistado remata:

— Porque todos estão convencidos que desta sangrenta contenda lhes virá a felicidade, é que para a conseguir dão sangue e vidas. Pela verdade afirmo, sem mêdo de me enganar, que não é para conservar o presente, explorações e acumulações de riquezas dum lado e miséria e humilhação do outro, que os povos se estão batendo. Êste estado actual de coisas acabará com esta guerra. Como pode de outro modo explicar-se que ela esteja a ser sustentada, mais que por exércitos e armadas, por milhões de operários — e operários de tôdas as classes sociais, note-se — nas fábricas e nos estaleiros, o facto mais impressionante desta luta em que parece que saímos de uma civilização para entrarmos numa idade nova?...

E levantando-se, e quási a despedir-se, Norton de Matos finaliza:

— Há dois mil anos que a humanidade está a caminhar através do que poderemos chamar o «martírio do homem», continuação do martírio glorificador que os interêsses estabelecidos dêsses tempos remotos fizeram sofrer Aquele que na Judeia principiou a pregar uma felicidade inefável e uma fraternidade então inacreditável, — a caminhar para a realização dessa felicidade. Por mim, creio firmemente no seu advento.

Assim terminou a nossa conversa — mais que entrevista — com o general Norton de Matos. E confessamos que há muito não escutáramos palavras que tanto nos impressionassem, desde que sôbre o mundo caíu o flagelo desta guerra.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo III - Adversários que se espreitam

3

OFENSIVA OU DEFENSIVA?

COM o avanço do inverno o Reich consagra o mito da guerra de posição enquanto prepara activamente a guerra de movimento. Por tôda a parte as linhas fortificadas de defesa multiplicam-se. Linha Maginot, em França, linha Siegfried, na Alemanha, linha Staline, na Rússia, linha Carol, na Roménia, linha Metaxas, na Grécia, linha Mannerheim, na Finlândia. Falando na Câmara dos Deputados, o sr. Daladier declara: «Mesmo nos dias em que nada há a assinalar prossegue da nossa parte uma acção constante e tenaz que nos aproxima do ritmo tornando-a o menos onerosa possível em vidas». E um perito da maior categoria, o general Pretelat, escreve a prefaciar um livro que põe em relêvo a fraqueza económica da Alemanha: «Logo que conseguirmos alcançar a margem de superioridade que os alemães já alcançaram, o factor económico jogará decisivamente a nosso favor. Conjugado com outros factores é êle que nos permitirá dominar o nosso adversário». A margem de superioridade a que o general Pretelat se referia era a que se traduzia pelo domínio do ar. As deficiências de organização franco-britânica a êsse respeito eram conhecidas. Fôra com a sua cominação que os partidários do apaziguamento haviam conseguido adiar, em Munich, a declaração de guerra. Que faziam a França e a Grã-Bretanha para dar remédio a essas deficiências?

«No plano das construções aeronáuticas, escrevia ingènuamente o comandante Chateauneuf, alcançaremos ràpidamente a supremacia sôbre os alemães. Ao esfôrço da construção francesa junta-se o da construção britânica. Em Inglaterra reconstituem-se as esquadrilhas polacas. A construção de aparelhos e o adextramento de tripulações faz-se em larga escala, no Canadá. É um imenso exército aéreo que se prepara. A sua acção, conjugada com o bloqueio e com a pressão terrestre sôbre o Reich levará êste a capitular.»

Assim a estratégia dos aliados aparecia claramente definida à luz dos acontecimentos daquele primeiro inverno de guerra. Os dirigentes franco-britânicos contavam reduzir a nação alemã e a máquina de guerra inigualável que ela criara utilizando o bloqueio económico, defendendo-se por detrás duma linha fortificada e intensificando os bombardeamentos aéreos. A derrocada desta concepção não se fêz esperar.

O PRIMEIRO ALARME A OCIDENTE

O grupo estático de políticos e militares que tinha nas suas mãos as alavancas do poder em Londres e Paris não estava, porém, em condições de anular, por completo, o esfôrço tenaz dos que advogavam a criação duma verdadeira atmosfera de guerra nos dois países como fundamento indispensável para uma ofensiva a distância. Onde tomar essa ofensiva? Como prepará-la? Quando seria possível desencadeá-la?

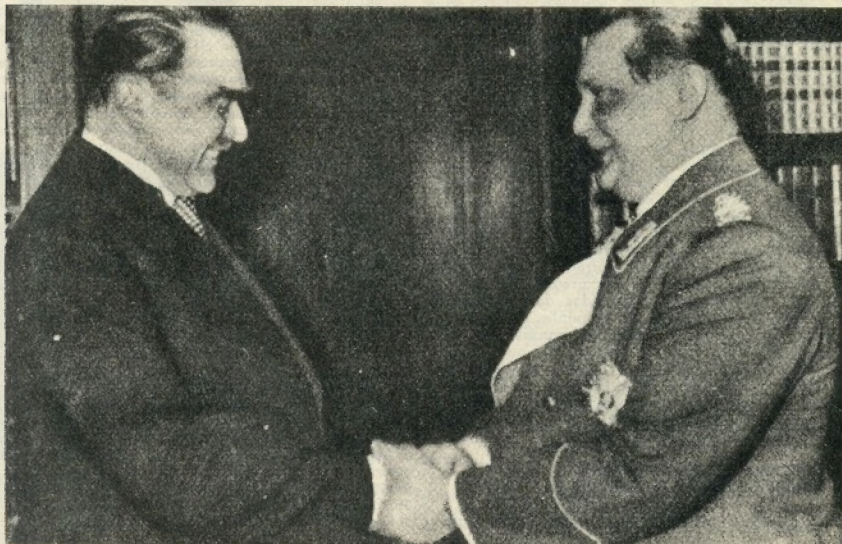
Os partidários de Churchill, em Inglaterra, e de Paul Reynaud, em França, tinham viva a recordação da conflagração de 1914-18. Era clara a sua intenção de criar duas frentes, obrigando as fôrças do Reich a dispersar-se. A sua crença nas virtudes das fortalezas era limitada. Nenhum dêles ignorava que a preparação do inimigo em carros e em aviões se destinava a uma operação fulminante, conduzida segundo os preceitos da guerra relâmpago. Considerava-se já a Alemanha bastante forte para tentar essa operação no ocidente, antes que o adversário pudesse criar a leste uma diversão capaz de substituir o trunfo que o acôrdo germano-soviético de Agôsto de 1939 lhes roubara?

Nos primeiros dias de Novembro, os serviços de informação franco-britânicos assinalaram a presença de poderosas concentrações alemãs em Aix-la-Chapelle e ao longo das fronteiras da Bélgica e da Holanda. O ministro dos estrangeiros belga, Spaak, fêz uma declaração pública para reafirmar a estrita neutralidade do seu país. O govêrno holandês tomou medidas defensivas de certa envergadura e fêz inundar vastas superfícies do seu território como se receasse uma invasão eventual. Na localidade de Venlo, junto à fronteira germano-holandesa, um grupo de agentes da Gestapo prendeu dois subditos britânicos, o major Stevens e um civil, de apelido Best, matando um holandês que os acompanhava. Tanto em Bruxelas como em Haia os representantes do Reich reafirmaram o propósito firme de respeitar a neutralidade proclamada pelo rei Leopoldo III e pela rainha Guilhermina. Estas declarações tranqüilizadoras tiveram um efeito calmante. As medidas de precaução tomadas nas regiões fronteiriças foram-se atenuando até desaparecerem por completo. Nas capitais dos países aliados afirmava-se que Fuehrer chegara a preparar a invasão para a noite de 11 de Novembro mas que, depois, modificara esta intenção.

Von Spaak, antigo ministro dos Estrangeiros da Bélgica

A HIPÓTESE DUMA SEGUNDA FRENTE

Posta de parte a ideia dum ataque à Alemanha pelo norte de Itália, o qual envolveria êste país nas hostilidades, só restava aos aliados um recurso para criarem a segunda frente que os seus dirigentes mqis dinâmicos visionavam. Essa segunda frente deveria ser estabelecida nos Balcans, tal como acontecera na outra conflagração. Em 1918, fôra a capitulação da Bulgária que preparara a derrocada dos Impérios Centrais e a derrota militar da Alemanha. Porque não renovar a experiência que tão felizes resultados dera vinte anos antes?

Acontecia que desta vez a preparação diplomática por parte dos alemães fôra cuidadosa. Os

Milan Stoyadinovich, antigo presidente do Ministério jugoslavo, conversando amigàvelmente com Goering.

países balcânicos tinham estabelecido com o Reich estreitas relações económicas que faziam dêles o melhor mercado dos produtos manufacturados alemães. Em compensação forneciam-lhes, em larga escala, cereais e gado, matérias primas e minérios. Êste intercâmbio revelava-se frutuoso para ambas as partes. No plano político os países balcânicos dividiam-se em duas categorias. Havia aqueles que mantinham com o Reich estreitas relações políticas, conseqüência da derrota comum na guerra anterior e das reivindicações comuns que se lhe seguiram. Eram a Hungria e a Bulgária que giravam na órbita diplomática de Berlim. E outros países onde se estabelecera uma guerra civil — latente nuns, declarada noutros — entre os partidários e os adversários do regime nacional-socialista e da nação alemã. Tal era o caso da Jugo-Eslávia e da Roménia. No primeiro, o grupo chefiado pelo antigo presidente do ministério Milan Stoyadinovich, no segundo a facção fundada por Codreanu e conhecida pela designação de Guarda de Ferro proclamavam a superioridade dos métodos nazis e a necessidade dum entendimento perfeito com o Reich. Num e noutro o prestígio político e militar dos aliados baixara de maneira sintomática. Sobretudo depois dos episódios anteriores, checo-eslovaco e polaco, nenhum dirigente responsável ousaria encaminhá-los no sulco pouco brilhante deixado pela diplomacia franco-britânica. A êstes restavam a Grécia e a Turquia. Por isso em Atenas e em Ankara os representantes da França e da Grã-Bretanha passaram a exercer uma acção persuasiva e insistente.

Uma sessão do conselho da Entente balcânica de 1939-40. Da esquerda para a direita: Markovitch (Iugoslávia); Metaxas (Grécia); Gafenco (Roménia) e Sarad Joglu (Turquia).

O EXÉRCITO DO PRÓXIMO ORIENTE

Se a Grécia, dada a feição autoritária do seu govêrno e os antecedentes germanófilos do general Metaxas, se refugiou numa posição de neutralidade benévola para a Grã-Bretanha, da qual dependia o seu comércio e a segurança das suas costas, a Turquia marcou uma atitude definida ao lado dos aliados que combatera vinte anos atrás. As conversações entre Londres e Paris, dum lado, e Ankara, do outro, tinham-se iniciado meses antes e concluiram por um acôrdo total, prelúdio da aliança militar anglo-franco-turca. Foi paralelamente a essas conversações que se constituíu o exército franco-britânico do Próximo Oriente, instalado na Síria, sob o comando dos generais Máximo Weygand e Archibald Wavel. O primeiro distinguira-se na Grande Guerra, como chefe do Estado Maior do marechal Foch e depois na defesa de Varsóvia, onde, como conselheiro técnico do comando polaco, desempenhou junto do marechal Pilsudski um papel preponderante. Generalíssimo do exército francês, fôra atingido pelo limite de idade e abandonara as suas elevadas funções para ser substituído por Gamelin. Wavel era um veterano das campanhas coloniais. Conhecia, como poucos, o Próximo Oriente, a Índia e a Rússia, onde se conservara durante o período da revolução bolchevista. Escritor militar de grande prestígio, era considerado o primeiro estratega da Grã-Bretanha. Como Weygand, Wavel era um partidário convicto das virtudes da ofensiva que ardentemente desejava. As fôrças que comandavam, numerosas (cêrca de quatrocentos mil homens), bem adestradas e equipadas (tanto em «tanks» como em artelharia e aviação) constituíam uma ameaça permanente na retaguarda alemã. Se a diplomacia franco-britânica soubesse agir com habilidade em Atenas, em Bucareste, em Belgrado, a segunda frente visionada pelos elementos dinâmicos de Londres e de Paris ficaria automàticamente criada. Mas, para isso, a Turquia era a pedra essencial do jôgo franco-britânico no sueste europeu. Por isso a posição dêste país passou a ser de importância primordial. Em concorrência com os representantes da França e da Grã-Bretanha, os embaixadores do Reich e da U. R. S. S. agiam, sem descanso, junto do presidente Inonu e do seu ministro dos estrangeiros, Sarad Joglu.

Hugessen, embaixador britânico em Ankara, que desempenhou papel importante na preparação do tratado entre a França, a Grã-Bretanha e a Turquia.

OS TURCOS COLABORAM COM OS ALIADOS

No dia 17 de Setembro, o ministro dos estrangeiros turco chegava à capital soviética. Era o momento em que russos e alemães se associavam estreitamente para a partilha do despojo polaco. A iniciativa da viagem partira do lado turco. Dadas as relações estreitas existentes entre Moscovo e Ankara, nesta última cidade consideraram indispensável esclarecer a U. R. S. S. sôbre o sentido exacto das negociações entre a Turquia e os aliados da Europa ocidental.

As conversações entre Sarad Joglu, um diplomata hábil cuja actividade se subordinava inteiramente às directrizes do presidente Inonu, e Molotov, um militante comunista cuja carreira triunfal se devia sobretudo à sua identificação perfeita com o pensamento de Staline, não conduziram a qualquer resultado apreciável. É certo que se tratava de uma viagem de informação sem outro objectivo imediato que não fôsse o de esclarecer a posição turca perante a U. R. S. S. num momento em que as relações entre a Turquia e o Reich, a-pesar-da presença de von Papen em Ankara, eram particularmente tensas.

Mas o ministro turco teve ocasião de assistir a alguns episódios edificantes. Foi testemunha da assinatura dos três tratados que colocaram os países bálticos (Estónia, Letónia e Lituânia) sob o domínio da U. R. S. S. Acompanhou, de perto, a segunda visita de von Ribbentrop a Moscovo e a assinatura do acôrdo económico germano-soviético e do acôrdo celebrado entre o Reich e a U. R. S. S. para a delimitação das suas fronteiras. As conversações que teve com Molotov, a-pesar-da sua presença na capital soviética se ter prolongado ao longo de três dilatadas semanas, foram rápidas. Que se passou nessas conversações? Nas chancelarias europeias era versão corrente que o chefe da diplomacia soviética se encarregara de transmitir ao ministro turco os pedidos do Reich que consistiam essencialmente no seguinte: a Turquia não deveria assinar o pacto de garantia mútua com a Grã-Bretanha e a França; por outro lado não devia comprometer-se a impedir a passagem de navios estrangeiros pelos estreitos. Êste último pedido era contrário às estipulações da Convenção de Montreux assinada três anos antes pelos países com interêsses no Mediterrâneo.

O TRATADO ENTRE A FRANÇA, A GRÃ-BRETANHA E A TURQUIA

Em 19 de Outubro, à meia noite, Sarad Joglu regressou ao seu país. A sua chegada a Ankara foi precedida, de poucas horas, por uma viagem inesperada de von Papen a Berlim e seguida, dois dias depois, da chegada do general Weygand à capital turca. Com êste encontrava-se o seu camarada inglês Archibald Wavel.

O tratado de auxílio mútuo anglo-franco-turco, verdadeira aliança militar entre os três países, foi assinado naquele mesmo dia 19 e seguido duma cerimónia congratulatória presidida pelo próprio chefe da nação turca. Nos termos dêsse instrumento diplomático a Turquia, a Grã-Bretanha e França

Codreanu

comprometiam-se, reciprocamente, a colaborar no caso de as hostilidades se estenderem a qualquer zona do Mediterrâneo. Se a Grécia ou a Roménia, potências balcânicas às quais a Grã-Bretanha dera a garantia do seu auxílio, se vissem envolvidas na luta pela agressão duma outra potência, a Turquia comprometia-se a auxiliá-las. A Turquia assumia assim o compromisso formal de se unir aos aliados ocidentais caso a zona de operações viesse a estender-se aos Balcans e ao Mediterrâneo. Para os outros casos estabelecia-se o princípio das consultas recíprocas e da neutralidade benévola da Turquia em relação aos outros signatários do pacto. A duração dêste era fixada para um prazo de quinze anos.

Os objectivos do pacto anglo-franco-turco, que representava naquela altura uma vitória diplomática para as nações ocidentais, eram transparentes: criar a base de onde seria possível organizar, com a colaboração eventual da Roménia e da Grécia (a posição dêste último país era particularmente favorável dada a importância do pôrto de Salónica) uma segunda frente para obrigar o exército alemão a dispersar as suas fôrças, estabelecer um resguardo eficaz para qualquer tentativa de expansão dos sovietes em direcção ao Próximo Oriente; constituir uma ameaça em potencial para a hipótese de a Itália unir os seus esforços aos do Reich.

passando a intervir, de maneira activa, nas operações militares. Os factos haviam de desmentir, posteriormente, tôdas as esperanças que a sua assinatura suscitara. As conversações dos generais Weygand e Wavel com o Estado Maior turco não chegaram a traduzir-se em actos e o ano posterior da guerra transformou radicalmente a atitude da Turquia.

BALANÇO DE FÔRÇAS

Fundamentalmente, a confiança dos aliados na vitória final repousava sôbre dois elementos essenciais: o exército francês e a esquadra britânica. Mas em Londres e em Paris, pensando que o tempo jogava a favor da sua causa, consideravam que era preciso aproveitá-lo eficazmente, cobrindo com o trabalho incessante das fábricas de aviões e de munições a margem de superioridade capaz de anular o esfôrço do rearmamento alemão tenazmente realizado desde a subida de Hitler ao poder. Era indispensável, para que êste desejo compreensível se realizasse, que o trabalho franco-britânico de seis meses compensasse o trabalho alemão de seis anos. Para isso seria necessário que a Inglaterra e a França vivessem a atmosfera febril da guerra.

Lord Gort

Os inglêses haviam decretado o serviço militar obrigatório e tinham desembarcado em França um valioso corpo expedicionário de cêrca de trezentos mil homens, entre os quais se contava uma divisão de canadianos. Eram comandados pelo visconde Gort, conhecido nos meios militares pela designação pitoresca de «Tigre» em homenagem à sua bravura pessoal de que dera provas sobejas ao longo duma carreira fértil em episódios. Mas os benefícios da convenção britânica só lentamente se faziam sentir. Em França fôra nomeado ministro dos armamentos Raul Dautry, um industrial de iniciativa e de mérito que conhecia profundamente os problemas da produção e da economia. Quando lhe perguntaram se era possível fornecer ao exército tudo aquilo de que êle necessitava para se bater com êxito, respondeu simplesmente: «Sem dúvida. Em 1942». O ministro das finanças do govêrno francês, Paul Reynaud, conhecido pelo seu dinamismo e pela vontade férrea que o animava de prosseguir a luta inflexivelmente, lembrou-se uma noite de percorrer as fábricas de munições da região parisiense. Veio desolado da sua visita. Procurou o chefe do govêrno e ministro da defesa nacional, Daladier, para lhe comunicar que as encontrara tôdas fechadas. Os meios dirigentes franceses que deviam impressionar-se com o enigma italiano pareciam ignorar o seu significado profundo. Nem lhes serviu de aviso o anúncio que a um dêles fêz um dos mais categorizados homens de Estado fascistas que, por essa altura, visitou a França: «Venho despedir-me de si. Vejo que os senhores não fazem a mais pequena ideia da torrente de ferro e de fogo que vai cair sôbre o vosso país. Podeis acreditar-me: a França ficará submersa». O conde Volpi conhecia, como poucas pessoas, o nível exacto dos armamentos alemães.

O Primeiro Ministro turco assinando em Outubro de 1939 o tratado entre a Grã-Bretanha, a França e a Turquia.

O Rei Jorge VI fala aos povos britânicos pela rádio no fim do ano de 1939.

ERROS E ILUSÕES

Longe de serem aproveitados para recuperar o caminho perdido, os oito meses que decorreram entre Outubro e Maio de 1940 foram desperdiçados pelas nações ocidentais. Apenas a aviação inglêsa, que começava a popularizar-se sob a designação de R. A. F. (Royal Air Force), marcou progressos assinalados, revelando-se, em várias operações de pormenor, a excelência do seu material e a superioridade dos seus pilotos. As razões que determinaram êsse facto irremediável podem resumir-se assim: mobilização industrial deficiente e falta de operários especializados (as fábricas Renault que, em tempo de paz, chegaram a empregar trinta mil homens empregaram nessa fase da guerra apenas seis mil); desconhecimento da verdadeira extensão dos preparativos alemães, elaborando-se planos a distância para um período mínimo de três anos e máximo de cinco, como se a avalanche alemã não estivesse para se abater ràpidamente sôbre o solo francês; carácter defensivo das concepções do Estado Maior francês que, convencido de que a luta seria de grande duração, se dispensava de insistir pela organização rápida e eficaz da produção de guerra; dificuldades morais e políticas, entre as quais avultava a resistência passiva do proletariado filiado no partido comunista, cuja atitude aparecia condicionada pela aproximação germano-russa, e a falta de colaboração dos pequenos industriais que não haviam sido chamados, como na última conflagração, a cooperar no esfôrço de guerra.

Por seu lado os chefes militares arquitectavam todos os seus planos sôbre uma tríplice ilusão: a de esta guerra renovaria a tática e a estratégia da anterior, sendo vantajoso reforçar e aperfeiçoar a linha fortificada de defesa, pondo de parte a possibilidade de operações rápidas; a de que os métodos empregados pelo exército alemão na Polónia se não repetiriam a ocidente; a de que a criação aparente dos dirigentes políticos e militares do Reich traduzia a sua pouca confiança na eficácia das armas de que dispunham e na realização, a todo o custo, dos fins que se tinham assinalado ao ordenar a invasão da Polónia.

(Continua)

A ESFERA MISTERIOSA

Grande romance policial do escritor americano Max Felton

Especial para "Vida Mundial Ilustrada"

(Continuação dos números anteriores)

CAPÍTULO III

O ESPARTILHO DA ETIQUETA

O arqui-milionário John King, conhecidíssimo, não só em Nova-Iorque, como em todo o continente americano, vivia num sumptuoso palácio da Décima Avenida. Não havia ninguém, na grande cidade, que não conhecesse o soberbo edifício que se erguia majestoso por entre os maciços de verdura do belo parque que o cercava, numa extensa área.

Era ali que o «detective» Charles Read devia apresentar-se essa noite, a convite do milionário. O convite, porém, causara-lhe certa perturbação. O modesto empregado de comércio, que nunca freqüentara os meios mundanos, não sabia como apresentar-se nesse jantar. O caso foi objecto de larga discussão entre êle e o seu ajudante Jack Harman, que se vangloriava de conhecer muito de etiqueta e de ter freqüentado, em criança, no tempo de seu falecido pai, que fôra rico e se arruinara numa desastrosa operação de Bolsa, algumas das casas mais ricas de Nova-Iorque.

Harman pretendia à viva fôrça que Charles Read alugasse uma casaca para essa cerimónia. O polícia amador não se sentia muito inclinado a envergar tal trajo, que dava aos homens o estranho aspecto de corvos. Transigia em trocar o seu fato cinzento, de corte desportivo, por um sóbrio «smoking». Achava que iria assim muito decente, embora relativamente modesto. Aliás, John King conhecia-o do tempo em que êle era um Zé Ninguém, e talvez lhe causasse riso o êle apresentar-se excessivamente luxuoso.

Jack Harman conformou-se, muito embora fôsse resmungando que o «smoking» estava bem para uma festa de estouvados num cabaré e não para uma sala de jantar magnífica, como seria de certo a do milionário, na presença da senhora King e da filha, que não deixariam de exibir os seus vestidos de gala, as suas jóias e os seus decotes, tal como se vê nos filmes e nas peças teatrais, quando exibem cenas de grande luxo.

Charles Read fêz o trajecto de Oakland Street à Décima Avenida num «taxi». E como o caminho era longo, as preocupações do vestuário foram-se desvanecendo, substituindo-se em sua mente pelas que lhe deixara no espírito a estranha diligência de que John King o incumbira.

Nunca na sua curta, mas já acidentada carreira, se lhe apresentara um caso como aquele. Ninguém acreditaria que um homem fôsse capaz de adquirir, por seiscentos mil dólares, uma mísera bola de aço, que se compra por uma bagatela. E menos crível seria ainda que êsse homem já tivesse gasto cinqüenta mil dólares e se dispusesse a gastar ainda mais cento e cinqüenta mil, para a rehaver.

Que motivos teria êle para manifestar tanto apêgo por um objecto insignificante? Decerto aquela esfera devia conter dentro algum tesouro. Se assim não fôsse, como explicar o empenho de King que já a tivera na sua mão, em tornar a apoderar-se dela?

Por mais voltas que desse, não havia forma de encontrar a explicação daquele mistério. Charles Read nem reparava no caminho que percorria, tão embebido seguia nos seus pensamentos. Uma das coisas que mais o intrigava era a própria atitude de John King. Dir-se-ia que o milionário tinha o maior interêsse em que êle conseguisse encontrar a esfera, sem contudo revelar os motivos dêsse interêsse. E que razões tinha êle para os ocultar?

Pensou que John King, nesta entrevista que ia ter com êle, lhe desse tôdas as explicações que lhe permitissem trabalhar com segurança. De contrário, como iria êle encontrar uma esfera perdida por êste vasto mundo? A ideia de que o milionário o convidara precisamente para, no remanso do seu palácio, lhe fazer largas revelações sôbre o assunto começou a tranqüilizá-lo mais. Agora assaltava-o uma grande impaciência por chegar ao seu destino. Pressentia que a esfera devia ter uma história bem curiosa. E se King mostrava tanto interêsse em possuí-la era porque certamente a sua posse representava alguma coisa de muito valioso para o seu detentor. Quem sabe por quantas mãos não teria já passado aquela bola de metal, que êle nunca vira, mas que era bem fácil de imaginar? Talvez aquela esfera já tivesse rolado por muitas cidades, muitos países ou mesmo continentes. Quantas lutas, quantas intrigas, quantos crimes não teria provocado já aquele objecto roliço, aparentemente insignificante, ferrugento talvez, antipático e frio?

Se não tivesse mão prudente na sua fantasia, que já se lançava a galope não se sabe por que regiões imaginárias, Charles Read teria construído mentalmente um verdadeiro romance de aventuras — êle, que os odiava, que só suportava as novelas graves de análise profunda e os grandes poetas líricos de linguagem maviosa.

Conteve-o na cavalgada mental para o reino do inverosímil a brusca paragem do automóvel. Olhou por uma portinhola e viu o arruamento liso de um parque, e vultos de árvores, batidas por uma luz muito clara e crua de grandes lampeões eléctricos. Mas alguém abria já a outra portinhola. Era um criado de libré azul de reluzentes botões dourados, que se inclinava numa vénia.

Olhou por uma portinhola e viu o arruamento liso dum parque...

Charles desceu resolutamente. E, ante o olhar grave do lacaio, sentiu-se vexado, porque se lembrou que provàvelmente as visitas do milionário deviam ser tôdas proprietárias de bons carros de luxo. Para o atrapalhar mais ainda, o «chauffeur» contou-lhe o trôco com uma lentidão enervante. Deu-lhe uma gorgeta choruda, receoso de que o lacaio, que o observava pelo canto de um ôlho muito sorna, o achasse mesquinho.

Decidiu-se, então, a trepar a escadaria de mármore, ampla e branca, que se lhe deparou. Sentia-se confuso e aturdido, receando olhar à sua volta para não parecer um provinciano fácil de deslumbrar. Quando outro lacaio se apossou sùbitamente da gola da sua gabardine, para o ajudar a despi-la, êle, que não contava com aquela amabilidade protocolar, ofereceu uma certa resistência. Depois, vendo que cometera «gaffe», desembaraçou-se dela com pressa exagerada, que fêz aflorar ao criado um irónico sorriso, quási imperceptível.

Sentindo-se em corpo bem feito, só com o «smoking», achou-se como que desamparado. E foi com impaciência que êle atravessou o vasto «hall», lançando de soslaio olhares furtivos para os grandes vasos de faiança onde cresciam plantas exóticas, algumas delas floridas de grandes corolas que enchiam o recinto de um aroma suave. Entreviu nas paredes enormes pinturas, que lhe pareceram painéis riquíssimos em que sobressaíam figuras que lhe pareceram maiores do que o natural. E aqueles vultos pintados, enormes, lembrando fantasmas ameaçadores, causavam-lhe um enervamento que êle mal podia dissimular, irritado consigo mesmo. Pensava, muito no seu íntimo, na enorme vantagem de se receber, logo de criança, uma educação esmerada. Êle fôra criado num ambiente menos do que modesto, alheio à vida de sociedade, e agora, sùbitamente arremessado para a vida, forçado a conhecer todos os meios, desde os mais elevados aos mais perigosos, sentia que necessitava de fazer um enorme esfôrço sôbre si mesmo para ràpidamente se adaptar. Mas havia de vencer tôdas as dificuldades que se atravessavam no seu caminho. E bom seria, que na sua carreira, que abraçara com tanto fervor, os grandes obstáculos fôssem todos como êsses que encontrava ao penetrar no palácio do milionário.

Entretanto, o lacaio, com uma vénia, a que êle inconscientemente correspondeu, introduzira-o numa sala, que Charles Read não sabia se era de visitas, se era uma simples ante-câmara. Sabia apenas que, para o seu olhar, habituado ao mobiliário simples e moderno, aquele aposento apresentava um aspecto de grande sumptuosidade. Estava mobilado à Luiz XV, delicado e gracioso. Aquelas cadeiras de pernas sinuosas pareciam demasiado frágeis e receava sentar-se nelas, não fôssem, às vezes, por pouca sorte, quebrar-se sob o seu pêso.

Resolveu ficar de pé a meio do tapete vastíssimo, pintalgado de arabescos coloridos, passando em redor o seu olhar deslumbrado. Pelas paredes viam-se quadros de preço, representando, um dêles, uma cena do século XVIII — senhoras num salão, que parecia reprodução daquele em que se encontrava — com suas saias tufadas, cinturinhas de vespa, sorridentes e debruçadas para um cavalheiro de cabeleira empoada, calção e meia de seda, que tocava ao cravo uma moda certamente deliciosa, a avaliar pela expressão de enlêvo que se notava num cónego, amezendado numa cadeira, ao fundo, com os dedos entrelaçados sôbre o amplo ventre. Da parede fronteira pendia outro grande quadro que encantava o visitante. Representava uma paisagem de tintas suaves. Ao fundo e no alto de uma colina recortava-se num horizonte de nuvens fofas e róseas um castelo senhorial. Pela colina, vegetação esparsa e em

(Continua na página 16)

HORAS DE DECISÃO

por FRANCISCO VELLOSO (continuação da pág. 4)

Tudo isto mostra a grandeza do problema que por imediata causa da guerra do Pacífico se levantou nas conferências de Washington. É preciso estar com fôrça em tôda a parte.

A 28, aquele mesmo Curtin anunciou em Camberra a aliança entre a Austrália e os Estados Unidos, à maneira da *Entente Cordiale*. Mas será bastante? O correspondente do *Times* em Singapura reconhecia que a iniciativa continuava nos últimos dias de Dezembro a pertencer aos japoneses com completa superioridade aérea no norte de Malaca e no Golfo de Sião. A 21, o Japão assinava em Bangkok o texto de uma aliança ofensiva e defensiva. Sete dias depois admitia-se em Tóquio que os americanos abandonariam as Filipinas, aliás heròicamente defendidas por Mac Artur, diante da avalanche dos invasores que sem estorvos apreciáveis da esquadra norte-americana, desembarcavam reforços e reforços de tôda a ordem. Os inglêses recuavam na península de Malaca para novas posições e continuavam a sofrer assaltos em Bornéo. É possível que tudo isto sejam apenas prolegómenos porque de facto a campanha nipónica está em comêço de evolução. Mas as bases adquiridas pelo Japão já lhe dão formidável ascendente.

Com que contam os Aliados?

REVISÃO

CURTIN

Churchill dizia há pouco em Otava que acreditava em que Singapura resistiria. Roosevelt entreluzia aos filipinos um socorro. O chefe inglês no dia 31 afirmava que em breve os japoneses teriam amargas surprêsas. Na Dieta de Tóquio, por essa altura, o ministro da Marinha, almirante Shimava, recomendou pela primeira vez que não se alimentassem optimismos sôbre o futuro, atrás das alegrias das primeiras vitórias.

Destarte, e tanto quanto é possível balancear-se na confusão dos factos, a resistência nas Filipinas e em Malaca operariam para ganhar tempo, como a de Creta em relação à campanha da Síria. Em Washington elaborar-se-ia o plano geral de acção nesta guerra intercontinental, e nesse plano estaria contido uma das anunciadas surprêsas contra o Japão.

Qual a extensão e distribuïção de papéis nesse plano?

Wavell, quási omnipresente, apareceu com o comando geral de operações na Birmânia e depois em todo o Pacífico do sudoeste, ao mesmo tempo que Popham era substituído no de Singapura, que Vorochilov recebia o das fôrças russas na Sibéria e que Chang Kai-Chek ajustava resoluções com chefes militares aliados em Xung-King. Dêste modo, assistimos a uma primeira repartição de fôrças para futuras e talvez próximas operações em que já entrariam a Rússia e a China, abrindo diante do partido militar japonês o problema, sempre antevisto, de agüentar com o poder central da sua enorme esquadra, a terceira do mundo antes da guerra, as necessidades de campanhas pelo menos em cinco frentes e o risco de um ataque perigosíssimo às ilhas do seu arquipélago metropolitano.

Mas aqui reverte ao ponto inicial de nascença todo êste problema sem par na História.

E surge uma questão de maior tomo. Êsse plano ingente de coordenações sinérgicas que compromissos políticos envolvem? A viagem e conferências de Eden com Estaline em Moscovo refletem bem, por seu lado o papel importantíssimo da Rússia quer na Europa quer no Oriente. Dizia se no fim do ano passado que o ministro inglês iria a Xung-King conferenciar com o presidente chinês. Litvinov e Welington Koo estão nas conferências da capital dos Estados Unidos. Quando preguntaram àquele se a Rússia alinharia contra o Japão, êle retorquiu: — «Veremos».

É perfeitamente de admitir que em Washington por debaixo dos planos militares se esbocem já projectos políticos e que a uns e outros obedeçam na Europa e na Ásia as operações que irão desenvolver-se. O que, neste momento, impõe aos povos reverem as suas posições actuais e preverem as que, no futuro, mais lhes convirão.

O SR. MINISTRO DAS COLÓNIAS regressou da sua viagem à Guiné e a Cabo Verde. Vêmo-lo na foto com o sr. ministro do Interior, à sua chegada a Lisboa.

O PINTOR CARLOS BOTELHO com várias individualidades que assistiram à inauguração da sua exposição no estúdio do Secretariado de Propaganda.

UM ASPECTO DA FESTA oferecida pela Parceria dos Vapores Lisbonenses aos filhos dos seus empregados, a bordo dum dos barcos da emprêsa.

Na India das singularidades

PELO COMANDANTE PERES TRANCOSO (Continuação da pág. 3)

o místico e sagrado hino da Vida e da Paixão...

E ao contemplá-la assim na dança singular e ritual, lembrou-me o verso apaixonado de Kalidassa:

— Ela era flexível, elegante e límpida, como a haste da palmeira nova!

Houve um momento em que o sol rompeu pelo barco dentro e assim, sob as claridades cruas que chamejavam do céu, ela tornou-se toda rebrilhante, relampagueando nas jóias e nos metais, e tão fresca e subtil na sua carne moça e ágil, que dir-se-ia, naquela hora pagã, ser ela a Deusa-Manhã e que a aurora daquele dia lhe raiara e nascera da própria boca vitoriosa...

— A Beleza é o sorriso das coisas — comentou Pandú — talvez emocionado por aquele alto minuto. — Nem todos a sentem, nem podem sentir, porque é a graça dos deuses que desce do alto...

Entrávamos no Zuari largo. Em frente, ao longe, o monte agudo e verde de Chandrenate, com seu rendilhado pagode, no pincaro. Fôra aí perto, que Chrisná, perseguindo na selva uma formosa «goupa», abriu apressadamente passagem, com um golpe de machada, no empecilho da montanha. Daí aquele vale que se vê além...

O canto agora esvaía-se, morria no horizonte amplo, e lá ao fundo estava Rachol, onde devíamos desembarcar. O meu bramânico amigo ficara embatucado, pensativo, brincando nervosamente com o seu tríplice e sagrado cordão de nove nós, que vai a tiracolo do ombro direito à anca esquerda. Para o desassombrar retorqui-lhe:

— Tem razão, Pandú: o que é belo é divino. A deusa Luckchimini foi-nos hoje propícia, talvez pela visita que vamos fazer-lhe: deu-nos uma hora de indianíssima emoção que jamais esquecerei.

— Os homens bons velam os deuses, mas os deuses magnânimos velam pelos homens! — e abrindo devagar, meditabundo, a sua bolsinha de metal e couro, tirou um embrulhito verdoento de fôlha de betel, com seu pedacinho de areca e grãos de cardamômo e meteu-o gostosamente na boca...

Chegávamos a Rachol, florida e verdejante. Quando desembarcava, ao portaló da lancha, lá estava o rapaz da «murdanga», o irmão da bailadeira, que sorrindo, de mãos postas, suplicantes, junto da testa, o turbante curvado, implorou:

— «Bábá... Sahib... Saguate... Deu borem corum»!

Dei mais uma rupia — que fazer?! — àquele sorriso e àquela humildade... O maroto ganhara, afinal, a partida!

* * *

Quando desembarcámos duma «tone», na outra banda do rio, sôbre umas pedras, as maxilas de cadeirinha coberta — «palanquis» — que nos havia de levar a Sirodah, não tinham chegado ainda. O calor começava a apertar e tratámos logo de procurar abrigo, que nos protegesse. Na curva do caminho, quando êste começa a trepar para o pagode, dobrava-se como uma umbela sôbre a estrada, um «Punghrá», grande árvore triste que é sagrada em tôda a Índia. As suas fôlhas são trifoliadas e as flores pequenas, avermelhadas, como recortes de coral, simbolizam a santa Trimurti — Brahmá, Vishnú e Sivah — cuja alma vibra na carne do tronco.

A infusão destas fôlhas fecha as úlceras antigas, adormece docemente os anseios, e incha de leite os peitos mirrados das mulheres — esclareceu o meu companheiro, que sabe destas coisas de medicinas hervanárias e já tinha então descalçado as sandálias respeitosamente, devotamente, e as colocar a par, no sopé do tronco... Para além da estrada, para o mato, um palmar de altas e esguias arequeiras, corria em filas, e de lá vinham restolhadas e guinchos de macacaria às cabriolas. Por fim lá apareceram as cadeirinhas, com quatro «boiás» — condutores — que as supesam dependuradas e enfiadas num comprido bambú bastante grosso, sôbre o alto das suas cabeças rijas.

— Ala!

De Rachol a Sirodah é meia hora bem estirada por caminhos difíceis e carreiros abertos no mato. Uma vegetação viridente, exuberante, louca, encanta a vista de ambos os lados da congosta. Campos de arrozal em verdes vários, abrem-se aqui e acolá nas clareiras. Mangueiras — «ambás» — que produzem as melhores mangas do mundo, de flores amarelas — árvore preferida pelo Boudhá, que à sua sombra meditou as suas doutrinas; tamarindeiros; papaieiras, tofudas, de grandes fôlhas sombrias; jamboleiros de frutos roxos que dão um sumo igual ao vinho e que cura a diabetes; «Bendis» de pau rosa, de lindas flores côr de fogo, frondosas e escuras, que são a própria deusa Gaur em pessoa e como tal adoradas; bananeiras esbracejando pecíolos dum verde fresco, aqui chamadas Vana Luckshimini — a formosura das árvores — «Stavins», altos e majestosos, de fôlhado furta-côres, que são os reis da floresta e a quem — diz a lenda popular — o povo das árvores, em certa noite, vai prestar homenagem reverente e curvado. Pelos troncos das arequeiras, trepam, enroscando-se, as pimenteiras e os «moghrins» cheirosos, como cachos em marfim...

Numa curva apertada do alto do corrego, abre-se um rasgão no valado verde, e um enorme paúl, esverdinhado, aparece lá em baixo. Búfalos, mergulhados no pântano, só os focinhos de fora, emergindo à superfície, gozam beatificamente a frescura da água. Lindas pôpas reais saltitam no lodo.

De súbito, paramos. Vozearia, discussão na pequena caravana. O que será? No chão uns sinais, uma rosetas cunhadas no solo, que os «boiás» apontam, aterrados:

— «Vag, sahib, vag»!...

Umas semi-apagadas pègadas dum tigre que sabe Deus há quanto tempo por ali haveria passado.

— «Ossi»! Vamos!

E vamos. Aparecem as primeiras casotas da parte cristã da aldeia, e por sinal, a que a entesta é de moiros, porque junto do beiral da porta está o altar ritual do islamismo, onde verdeja um fresco mangerico.

De repente, de trás do batente surge a figura escura e barbuda dum mocetão moirisco, com seu «tupi» dourado na cabeça e que nos endereça a salva mesurada e graciosa dos maometanos:

— «Salém, aleikum»! — A paz de Deus seja contigo!

Que havia eu de orientalmente retorquir-lhe? Atirei-lhe, inexpressiva, incolor, a chateza ocidental:

— Olá, bom dia! — e passei adiante, corrido da banalidade.

Minutos depois, apareceu-nos, na frente, acenando, um respeitável cavalheiro, indiano, de chapelinho de palha e rabona branca, que nos vem cumprimentar, inquirir e oferecer os préstimos.

É o regedor e depois nosso inclito amigo, Pestaninho Voltaire do Santíssimo Nome. Dando de cara com Pandú, Pestaninho que é de casta inferior — provàvelmente outra — a-pesar-de cristão, alevanta o chapelico respeitosamente. Pandú aproveita a paragem para desentorpecer as pernas e afasta-se com dignidde.

Conto então ao regedor o que me traz àquela terra, pois tendo ouvido dizer ser aquela festa uma das mais belas, pitorescas e ricas da Índia, onde se reúnia tudo o que havia de mais raro e curioso, eu vinha disposto a refocilar-me de exotismos e singularidades indianas e a retouçar-me, como um bruto, nas poeiras vetustas e sábias dos Vedas, dos Puranas e dos Ramayanas...

A autoridade, concentradamente, ouviu meneando a cabeça venerável, compreensiva, a boca abiqueirada, anal, grave:

— Oi!... Oi... Verdade.

Depois confidenciou-me, à surrelfa, que até à véspera haviam chegado de Belgão, Bombaim e Hubli, uma cinqüenta bailadeiras, para cantar e dançar ritualmente nas cerimónias, ante os ídolos:

— Tôdas moças e bonitas — sublinhou — e o olhinho maroto e engenebrado de Pestaninho luziu sob as cerdas brancas das sobrancelhas hirsutas:

— Bónitas mesmo!... «Tim borim»!

Alguém trouxe uma garrafa. Uns copinhos do nauseabundo «finim» de palmeira, para animar os duzentos metros que faltam até ao arco da entrada do pagode que se enxerga lá adiante:

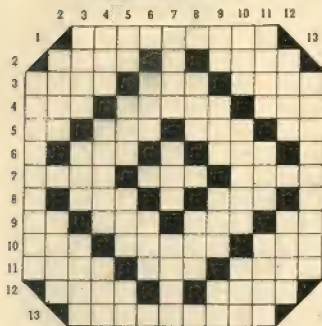
— «Deu tucá pavone»! Adeus! Adeus Pestaninho amigo e regedor, vou agora bizarramente mergulhar por umas horas em pleno paganismo, nos domínios da formosa deusa do Amor, que aqui na Índia ainda hoje se chama Luckshimini, e que na Hellade foi outrora, há trinta séculos, Afrodite de corpo perfeito, em Roma, Venus de loiras tranças, na Phenicia, Melytta, a grande Mãe, luni-cornuda, e na Assyria, Astarte de cem peitos..

Adeus regedor e amigo, último e banal representante da Banalidade e do Jazzbandismo do Ocidente!

Sume-te!

VARIEDADES

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 7

HORIZONTAIS: 1 — Tablado. 2 — Envergonha-se; Terreiro onde se debulha trigo. 3 — Pundonor; Siga; Aceitar herança. 4 — Mestre; Fita; Discurso. 5 — Além; Madre; Fôlha de palma; Caminhava. 6 — Ninho; Época. 7 — Purificar; Infortúnio; Fendi. 8 — Altar; Estava. 9 — Continuar; Gemidos; Irmã da mãe; Sua. 10 — Cento; Importante; Colocar. 11 — Anuência; Muitíssimo; Homem impertinente. 12 — Para lá; Genro. 13 — Doente.

VERTICAIS: 1 — Espécie de mandolim, de três cordas e de forma triangular, usado entre os camponeses da Rússia. 2 — Dá existência; Nada. 3 — Abrigo de malfeitores; Estudava; Sova. 4 — Lavro; Bate com a cabeça; Ou. 5 — Concede; Porquê; Estames do jacinto; Desagradável. 6 — Medida de superfície; Não. 7 — Reputação; bom gôsto; Verseje. 8 — Perpetuidade; Bagatela. 9 — Expõe; Levante; Safa; Nada. 10 — Sinhá; Pateta; Remorso (inu). 11 — Levada; Sopé; Porção de barba, que se deixa crescer no queixo. 12 — Coqueiro do Brasil; Terra. 13 — Efectuara.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS ANTERIORES

PROBLEMA N.º 4

HORIZONTAIS: 1 — Má; Si; Fé. 2 — Dar; Ar; Abc. 3 — Irado; Panal. 4 — Varar; Emana. 5 — Arama; Colon. 6 — Alisar. 7 — O; Ai; O. 8 — Tomava. 9 — Sorri; Amora. 10 — Aboar; Capuz. 11 — Missa; Alemã. 12 — Oca. Mú; Rôr. 13 — El; Em; Ar.

VERTICAIS: 1 — Diva; Samo. 2 — Marar; Obice. 3 — Arara; Rosal. 4 — Dama; Trás. 5 — Oral; Oira. 6 — Sá; Iam; Me. 7 — Ir; Sia; Um. 8 — Péca; Vaca. 9 — Amor; Amal. 10 — Fanal; Opera. 11 — Ébano; Rumor. 12 — Clan; Azar.

PROBLEMA N.º 5

HORIZONTAIS: 1 — Casa; Fate... 2 — Ola; Feliz. 3 — Lá; Sela; Eco. 4 — Dados. 5 — Rã; Orais. 6 — Elo; Má. 7 — Sal; Ar. 8 — Rês. 9 — Ou. 10 — Mêsa; Ovos. 11 — Opas; Sais. 12 — Ro; Cri. 13 — Aca; Pias. 14 — Vali; Alonsa. 15 — Natal; Ta. 16 — Liames; Solto.

VERTICAIS: 1 — Colares; Amorável. 2 — Ala; Alar; Época. 3 — Sã; Oleosa; Alna. 4 — Suas; Jam. 5 — Só; Te. 6 — Fé; As. 7 — Fel; Al. 8 — Alado. 9 — Ti; Ar; Os; Poto. 10 — Azêda; Vacinal. 11 — Coimas; Oiras. 12 — Acossar; Assisado.

N.º 6

HORIZONTAIS: 1 — Rolara; Matava. 2 — Arados; Aravam. 3 — Latia; Arara. 4 — Adir; Aras. 5 — Mau; Ais. 7 — Só; Um. 9 — Ta; Ar. 11 — Ar; Em. 12 — Be; Lá. 13 — Ama; Aurora; Der. 14 — Laré; Mire; Rugi. 15 — Hidra; Lá; Viria. 16 — Asiano; Remôas.

VERTICAIS: 1 — Ralamos; Trabalha. 2 — Orada; Remais. 3 — Latiu; Ardi. 4 — Adir; Era. 5 — Rôa; An. 6 — As; Um. 7 — Ril. 8 — Ora. 9 — Má; Ré. 10 — Ara; Vê. 11 — Tara; Rim. 12 — Avara; Duro. 13 — Vazai; Upa; Elegia. 14 — Amassam; Romarias.

PROBLEMA DE MATEMÁTICA

para os leitores resolverem

A MULTIPLICAÇÃO MISTERIOSA

Um agente da Polícia, encarregado da investigação duma burla, precisava reconstituir uma multiplicação da qual só restavam, como elementos perceptíveis, quatro algarismos. Os restantes haviam sido tapados por um borrão de tinta.

No esquema acima, apresentamos a multiplicação tal como a viu o agente da Polícia. Os números tapados pela tinta estão representados pelo sinal ●

Veja o leitor se consegue descobrir os dois factores da multiplicação, os produtos parciais e o produto total.

No próximo número, publicaremos, como de costume, a solução dêste problema.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO N.º 33 DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

1 — A entrega de 50 contra-torpedeiros americanos à Inglaterra, em troca das bases navais inglêsas cedidas aos Estados Unidos.

2 — Porque, sendo a mais longa, foi a mais propícia para os ataques aéreos do inimigo.

3 — Lord Halifax.

4 — Guilherme II, o antigo Kaiser.

5 — Hitler, Roosevelt e Churchill.

...NDIDO GODINHO
Director
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Garrett, 80, 2.º—Lisboa—Tel. 25844
CONDIÇÕES DE ASSINATURA
Continente e Ilhas: 3 meses (12 números): 11$00; 6 meses (24 números): 22$00; 12 meses (48 números): 43$00. África: 12 meses (48 números): 60$00. Estrangeiro c/convenção: 12 meses (48 números): 65$00; estrangeiro s/convenção: 12 meses (48 números): 80$00.
COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS em Portugal e Colónias: Agência Internacional, R. de S. Nicolau, 19, 2.º - Tel. 26942.
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A ESFERA MISTERIOSA

(Continuação da página treze)

baixo um verde prado, que ia sumir-se além num bosque sossegado de sombras acolhedoras. A alma de Charles Read, propensa ao sonho, tôda se enlevava na contemplação desta obra de arte. Julgava mesmo aspirar o aroma dos campos, banhados de luz suave, um pouco melancólica, poética. Recordava seus devaneios da adolescência, quando tinha tempo para procurar na leitura dos poetas o esquecimento de uma vida que lhe parecia ingrata, monótona, sem horizonte.

Foi neste quási êxtase que John King veio surpreendê-lo. Read não notara a sua entrada no aposento, senão quando o milionário, já muito próximo, lhe dirigia a palavra.

— Viva, meu caro Read! — exclamara êle bonacheirão, a ajeitar com a mão esquerda a luneta de aro de ouro e a estender-lhe amàvelmente a dextra.

Confusamente, como se acordasse do seu sonho, o polícia apertou a mão que lhe estendiam, murmurando um cumprimento vago.

— Então, de pé?! — exclamou King, chegando-lhe afàvelmente uma daquelas cadeiras que o polícia julgava demasiado frágeis.

Sentou-se, por seu turno, noutra cadeira, abriu a sua enorme charuteira, em que cintilavam brilhantes e, oferecendo um charuto ao visitante, acendeu outro. Havia em todo êle um ar de satisfação, de bonomia, que Read não lhe notara durante a visita dessa tarde. E não tardou que o milionário lhe confessasse o motivo do seu contentamento.

— Depois que falei consigo — disse êle — vim para casa a pensar no caso. Cada vez me convenço mais de que o senhor é o homem indicado para procurar e encontrar o objecto que perdi. Não sei bem porquê, mas esta convicção arreigou-se-me no espírito. O senhor é uma pessoa modesta; anima-o um grande desejo de triunfo, uma persistência notável. Estas qualidades hão-de conduzi-lo a bom têrmo. Os outros «detectives» que já se incumbiram das investigações, acabando por falhar, eram pessoas célebres, homens que chegavam aqui precedidos de grande fama. Não pareciam muito dispostos a trabalhar — ou não necessitavam de ganhar muito dinheiro. Faltava-lhes o estímulo para levarem as coisas até ao fim.

Charles Read começava a sentir-se confundido com aqueles elogios e sobretudo com a sólida confiança que o ricaço nêle depositava. E dizia de si para consigo, que tinha que empregar todos os seus recursos para que tal confiança não fôsse desmentida. A sua vontade era lançar-se imediatamente ao trabalho, mandando ao diabo a honra de jantar na companhia do milionário. Aliás, já estava a prever que a refeição, tomada num ambiente opressivo de cerimónia, aproveitar-lhe-ia muito menos do que engolida à pressa, de pé, num restaurante barato. Foi com certo alvorôço que êle, aproveitando uma ligeira pausa do seu interlocutor, fêz a sua primeira pregunta directa sôbre a matéria da investigação:

— Diga-me, «mister» King, em que condições desapareceu a esfera de aço?

O abastado industrial ficou um momento a olhá-lo, como se tivesse escutado uma pregunta muito estranha.

Charles Read, julgando-se mal compreendido, acrescentou, esclarecendo:

— Sim, em que condições deu por falta da esfera? Foi roubada?... Perdida?...

— Ah! — exclamou John King, como se tivesse apreendido de repente todo o pensamento do polícia. — A esfera desapareceu-me de casa... Mas logo, depois de jantar, conversaremos mais largamente sôbre o assunto... Dar-lhe-ei tôdas as indicações, perante o local onde o precioso objecto se encontrava.

Charles Read dissimulou a sua contrariedade. Estava impaciente por conhecer a questão em todos os seus pormenores. Precisava de saber com que podia contar, orientar-se nos primeiros passos a dar. O milionário, porém, não se mostrava muito apressado. Parecia mesmo comprazer-se em demorar as revelações que tinha a fazer. Para que complicaria êle o assunto com um jantar de cerimónia? Read sentia vontade de lhe dizer: «Vamos ao assunto e deixemos o jantar para outra vez». Mas dominava-se, enchendo-se de grande paciência para aturar os caprichos daquele homem rico e, na sua simplicidade e bonomia, um pouco desconcertante, se não misterioso.

John King já lançara a conversa noutra vereda de pouco interêsse para o «detective». Falava-lhe dos Stone Brothers, em cujo escritório passara os anos mais deprimentes e aborrecidos da sua vida.

— Você nunca mai viu o Stone? — preguntava-lhe King.

Não, Read nunca mais vira Jack Stone, o sócio principal da firma Stone Brothers, comissões e consignações, o velho Stone que desconfiara da sua honestidade e que, sem querer, provocara a revelação das suas faculdades de investigador.

— Eu sou muito amigo de Jack Stone — dizia o milionário. — Os outros dois irmãos mal os conheço. Nem vivem habitualmente em Nova Iorque. Um dêles é comerciante em São Francisco; o outro, criador de gado no Novo México. Êsses irmãos mais novos têm plena confiança no irmão mais velho a quem se associaram e que está trabalhando para êles.

Charles Read escutava sem interêsse. A evocação do escritório onde êle, por pouco, não envelheceria e morreria de tédio era-lhe sempre dolorosa. Por isso, enquanto John King ia falando dos Stone Brothers, lembrando belos lucros que tiveram e alguns negócios infelizes que haviam abalado por momentos o crédito da firma, Read fazia grandes esforços por não se deixar invadir por uma invencível sonolência:

— Algumas vezes Jack Stone aqui veio procurar-me, aflito, para o salvar de tremendos desastres. Os irmãos, que vivem bem, abandonavam-no totalmente nas horas amargas. Só queriam que Jack lhes apresentasse lucros no fim do ano. Agora, há uns dois anos talvez, Stone tem vivido bem. Creio que realizou bons lucros o ano passado. Como não precisa, não tornou a visitar-me... Os amigos só são bons para as aflições...

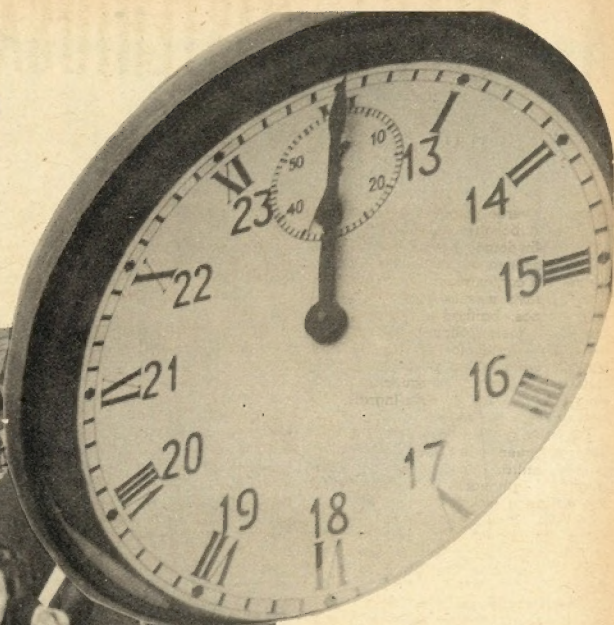
A conversa sôbre Stone Brothers prosseguiria ainda por muito tempo, se o criado, perfilando-se no limiar da porta, não anunciasse que «Mistress» King estava servida.

O milionário levantou-se com um sorriso de contentamento e Read com outro de alívio, que logo esmoreceu à ideia de que ia defrontar-se com a espôsa e a filha do milionário, num ambiente de grande cerimónia.

E ao sair a porta do salão, ficou muito enleado, porque inadvertidamente passou à frente do milionário sem lhe ceder, como devia, a passagem em primeiro lugar.

Decididamente, não cometia senão «gaffes».

(Continua)

Quando bateu a meia noite e começou o ano de 1942

OS PORTUGUESES souberam guardar, em lembrança dos horrores do Mundo, um silêncio recolhido e feliz na passagem do ano, não exteriorizando suas alegrias nem seus votos ruidosos pelas prosperidades de 1942. Mas dentro de vários recintos, portas fechadas, não se fugiu à tradição da boa ceia, comida com a família e os amigos, em ambiente agradável. Nesta página, vemos vários aspectos da passagem do ano. De cima para baixo: Nos cafés Lisboa, Chave de Ouro e Nacional.

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

M*ORREU, ainda não há muito, em Ponte de Lima, onde nascera, um homem que não tendo sido um homem de génio foi — devemos notá-lo — um homem de princípios: o padre Araújo Lima. Estamos a vê-lo, à porta da Havanesa — onde durante anos foi certo tôdas as tardes, às cinco horas — alto, forte, corpulento, tronchudo, de óculos, apertado numa impecável sobrecasaca negra, e com um inseparável chapéu alto enfiado na cabeça. Freqüentára teologia; tomára ordens; ingressára no professorado; e uma bela ocasião, sob a bênção de José Luciano — como êle próprio dizia — entrara na política, deputado. Nunca foi um grande parlamentar, pôsto que falasse com facilidade e clareza; mas poucos lhe terão levado a palma na integridade de princípios e na firmeza de carácter. Era estruturalmente, um homem de bem. Conservador até à medula nas convicções e nos hábitos; tendo tôda a sua vida militado no mesmo partido e vivido na mesma causa; usando invariàvelmente a mesma indumentária — sobrecasaca, chapéu alto, volta branca — a coerência constituía o seu maior orgulho. Aquilo que muitos supunham excentricidade, inadaptação, anacronismo, reacção política, era apenas a persistente afirmação duma individualidade. O Chiado acaba de perder nele uma das suas últimas figuras características. A sociedade portuguesa, vê desaparecer com êle um dos maiores e, para tantos, um dos seus mais obscuros exemplos de coerência moral e política. Conta-se que António José de Almeida dissera uma vez, aludindo à firmeza de convicções do velho Araújo Lima:*

— Que esplêndido chapéu alto para a República!

ARTIGOS DE FUNDO

UM grupo de nacionalistas do Fundão tomou recentemente a iniciativa de mandar editar em prospectos certo artigo de fundo publicado no *Diário de Notícias*. Poucas vezes se terá verificado um acontecimento de tanta lógica. Diz-se mesmo que os artigos de fundo vão passar a designar-se artigos — de Fundão...

AFONSO DE BRAGANÇA

UMA tarde, à porta da *Brasileira*, encontrava-se o jornalista Afonso de Bragança. Estava um autêntico dia de verão, um dêstes dias em que tudo escaldava, sob a labareda do sol.

— Ó Afonso, tu não tens calor? — preguntaram, a certa altura, ao conhecido jornalista.

Logo êle:

— Não. Não sinto calor nenhum. Nem admira. Ando sempre com água pela barba...

AS LEIS

RECORTO de Raspail êste pensamento lapidar: «A Justiça num país está na razão inversa do número de leis. Os povos serão tanto mais felizes quanto mais resumidos forem os seus códigos.»

O DR. ASSIS

QUANDO o dr. Assis era pequeno, chorava um dia à porta de casa.

— Porque choras, menino? — preguntaram-lhe.

— Porque me fecharam na rua... — respondeu.

O LEAL... DA CAMARA

Leal da Câmara, com um espírito e um nariz que êle próprio desenhou ao nascer, daria um curiosíssimo volume de história ilustrada, que ainda, creio bem, há-de ser escrito.

Um belo dia, êste eterno rapaz de vinte anos, dotado dum raro temperamento de artista e de infatigáveis qualidades de observação, pegou num «crayon» e num «block-notes» e desatou a fixar, em flagrantes traços pitorescos, as nossas individualidades. Não escapou ninguém — nem o rei. O próprio D. Carlos surgiu, na ponta do seu lápis, com um grosso charuto de americano e um largo chapéu de toureiro. Foi o rastilho — e acabou por arder Troia. As instituições consideraram-se ameaçadas, eriçaram-se patriòticamente os bigodes policiais, e o caricaturista, tido e havido como um autêntico revolucionário, viu-se obrigado a expatriar-se com os seus sonhos, as suas audácias e os seus cartões. Entrou em Paris como um desconhecido; Paris não tardou a festejá-lo como um grã-duque. A «Assiette au beurre» e «Le Rire» abriram-lhe rasgadamente as portas; Montriel e Forain estenderam-lhe familiarmente a mão; e Leal da Câmara aplaudido, disputado, glorificado, entrava na Imortalidade — ostentando um panamá claro, e todo êle fresco como uma alface. Na verdade, quási de repente, Paris, a França, o Universo, despertaram alvoroçados com o seu célebre «Gotha» de caricaturas reais. Desde as aventuras de Leopoldo da Bélgica com a sua barba de neve e a sua paixão por Cleo de Merode até Guilherme II, orgulhoso dos seus bigodes hirsutos e dos seus fardamentos doirados, a História converteu-se numa autêntica propriedade sua. Leal da Câmara passou a pôr e a dispor do mundo. O seu ceptro era — e ainda hoje é — o seu lápis. A sua corôa — o seu sorriso. Agora mesmo, no seu palácio real de Rinchôa «sur mer», êle, debruçado sôbre uma larga fôlha de papel branco, traça a caricatura do mundo com a omnipotência dum soberano. É, além do mais, realizador. O seu passado responde pelo seu futuro. O seu nome é uma garantia. Convence tôda a gente — até a polícia. Um vez no Pôrto o caricaturista pretendeu entrar no edifício municipal, em dia de festa solene. Havia ordens expressas do presidente da Câmara para não deixar entrar ninguém antes da hora marcada para a sessão. Leal declinou a sua qualidade de decorador das salas camarárias. Inútil. Então o artista tentou o último recurso, declinando o nome ao polícia que lhe impedia a entrada:

— Sou o Leal da Câmara.

Logo o polícia, com a maior gentileza:

— Ah! V. Ex.ª é da Câmara? Então faça favor de entrar...

A FOME

DIZEM os filósofos que a fome é a grande mestra da vida: até dá talento. O que ela dá é, sem dúvida, bom apetite — e excelente estômago.

O SONO DOS CRÈDORES

DEUS concedeu o sono aos credores para que os devedores possam gozar de algum descanso.

UMA ORAÇÃO

CERTO amigo nosso na véspera da Lotaria do Notal dirigiu esta súplica aos Deuses:

— Senhores! Fazei com que me saia amanhã a Sorte Grande, que eu vos juro dar metade aos pobres. Mas se porventura não confiais em mim, dai vós mesmo a metade aos pobres — e fazei-me chegar às mãos a minha parte...

DIÓGENES

PRETENDENDO Diógenes ser discípulos de Antisthenes, foi procurá-lo nesse sentido. O cínico rejeitou e, como Diógenes insistisse, ameaçou-o de lhe dar com o bordão.

— Podes bater — exclamou o filósofo. O que te garanto é que não terás um bordão bastante duro que consiga vencer a minha perseverança.

BENEFICÊNCIA

NUM baile de caridade. A viscondessa de X para a filha que não parava de dançar:

— Descansa, menina! Estás alagada em água...

— É o mesmo. Deixa que os pobres vivam do suor dos ricos!

DOENTES DE PUDOR

UMA vélha beata, que se encontrava doente, como o médico tivesse de lhe tomar o pulso, baixou a manga da camisa até cobrir a palma da mão. Por sua vez o médico envolvem os dedos na aba do casaco, e tomando-lhe o pulso, murmurou:

— A pulso de cambraia, médico de pano!

A HISTÓRIA

— COM que direito ousas infestar os mares? — preguntou Alexandre, o Grande, a um pirata que trouxeram prêso à sua presença.

— E Vossa Majestade — preguntou por sua vez o cativo — com que direito assola o Universo? A mim porque sulco os mares com uma só embarcação chamam-me pirata; a Vossa Majestade que faz o mesmo com grandes esquadras chamam-lhe rei. Que miséria, êste mundo!

O PODER DOS PAPAS

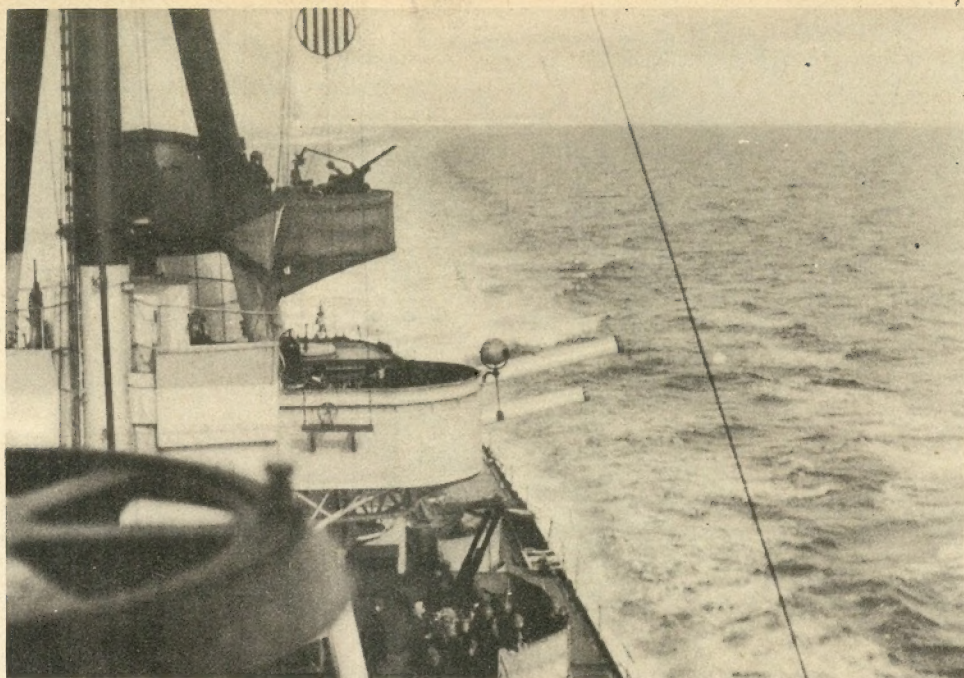
DIZIAM uma vez diante de Gervásio Lobato:

— Não há ninguém mais poderoso do que o Papa — que faz padres, bispos, arcebispos, cardiais e até santos...

— Há tal — retorquiu Gervásio — Há a minha cozinheira que, com farinha e água, faz «papas»...

CÉSAR DE FRIAS

O conhecido romancista das *Grandes Núpcias* publicou agora um pequeno volume para crianças *Aventuras de Berimbau*. Lê-se com interêsse e ao cerrar a última página não podemos deixar de dizer:

— Muito sabe êste César de Frias a respeito do Berimbau!

Na Itália e em Africa

TRÊS ASPECTOS DA ACÇÃO ITALIANA NOS TEATROS DE GUERRA DA ÁFRICA E DO MEDITERRÂNEO. De cima para baixo: Navios de guerra italianos em serviço de patrulha no Mediterrâneo. — Uma posição de artelharia de calibre médio na frente de Jedabia. — Prisioneiros capturados pelos italianos durante as últimas operações desembarcam numa base da Itália.

O GENERAL SIR CLAUDE AUCHINLECK, comandante-chefe do exército britânico do Médio Oriente, conversando com o major-general Ritchie, que sucedeu a Cunningham no comando da ofensiva inglesa na Líbia.